

André Luiz Savio Girardi

**ALEGRIA NO SOFRIMENTO:
UMA PROPOSTA DA CARTA DE SÃO PAULO AOS
FILIPENSES PARA OS DIAS DE HOJE**

Trabalho de Conclusão de Curso
submetido ao Curso de Teologia da
Faculdade Católica de Santa Catarina
para a obtenção do Grau de Bacharel
em Teologia.

Orientador: Prof. Dr. Osmar Debatin

Florianópolis
2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Dom Afonso Niehues da FACASC.

Girardi, André Luiz Savio

Alegria do sofrimento: uma proposta da carta de São Paulo aos Filipenses para os dias de hoje / André Luiz Savio Girardi; Orientador: Osmar Debatin; Florianópolis, SC, 2023.

68 p.

TCC (Graduação - Teologia) - Faculdade Católica de Santa Catarina.

Inclui referências:

1. Alegria 2. Carta 3. Sofrimento 4. Filipenses. II. Título.



FACULDADE CATÓLICA DE SANTA CATARINA (FACASC)
Recredenciada pela Portaria Ministerial n. 205, de 03/02/2017 (DOU n. 26,06/02/2017, p.23)
Rua: Deputado Antônio Edu Vieira, 1524 - Caixa Postal nº 5041 - Bairro: Pantanal.88040-245 - Florianópolis (SC) -
Brasil - CNPJ nº 82 898 891/0005-33

André Girardi

Alegria no sofrimento: uma proposta da Carta de São Paulo aos Filipenses para os dias de hoje

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do título de **Bacharel em Teologia** e aprovado em sua forma final pelo Curso de Teologia da FACASC.

Florianópolis, 07 de agosto de 2023.

Prof. Dr. Edson Adolfo Deretti
Coordenador do Curso

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Osmar Debatin
Faculdade Católica de Santa Catarina Orientador(a)

Prof. Dr. Edson Adolfo Deretti
Faculdade Católica de Santa Catarina Avaliador(a)

Prof. Dr. Domingos Nandi
Faculdade Católica de Santa Catarina Avaliador (a)

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Jesus Cristo, que pelo seu sofrimento salvou a todos. À Nossa Senhora de Caravaggio, modelo de discípula que me ensina como responder aos apelos de seu filho Jesus. À Santa Mãe Igreja, que me acolheu e me educa no caminho do Reino de Deus. A Dom Jacinto Inácio Flach, que me anuncia e vive a misericórdia de Deus. À minha família, por ser meu porto seguro e fonte de alegria. Aos meus formadores, diretores espirituais e terapeutas, que por seus ofícios me lapidam e direcionam sendo sinais visíveis da providência divina. Ao meu orientador, Pe. Osmar Debatin, pelo seu zelo e paciência na construção desta pesquisa. A todos aqueles que de uma forma ou outra contribuíram para que eu pudesse chegar até aqui. A todos minha gratidão.

“Alegrai-vos sempre no Senhor, repito: alegrai-vos.”

(Fl 4,4)

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso tem como tema *A Alegria no Sofrimento com base na carta de São Paulo aos Filipenses*. Seu objetivo é apresentar alguns elementos para a vivência da alegria paulina, proposta na carta aos Filipenses, frente aos sofrimentos da atualidade. Para tal foram desenvolvidos três capítulos. O primeiro abordará algumas noções de sofrimentos e apresentará exemplos de sofrimentos vividos em nosso cotidiano e os exemplos de Jeremias, Jó, Jesus Cristo e Paulo de Tarso. O segundo capítulo apresentará um contexto geral da carta de São Paulo aos Filipenses. Por último, o terceiro capítulo irá trazer alguns elementos que possibilitam a vivência da alegria em meio ao sofrimento. Notoriamente o sofrimento está presente na vida de todas as pessoas, seja de forma constante ou passageira. Contudo, a exortação paulina a alegrar-se é um convite a todas as pessoas, indiferente de suas realidades ou circunstâncias.

Palavras-chave: Alegria. Carta. Sofrimento. Filipenses.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

1Ts – Primeira Epístola aos Tessalonicenses
2Cor – Segunda Epístola aos Coríntios
At – Atos dos Apóstolos
CDSI – Compêndio da Doutrina Social da Igreja
CIgC – Catecismo da Igreja Católica
EG – *Evangelii Gaudium*
EN – *Evangelii Nuntiandi*
Fl – Epístola aos Filipenses
FT – *Fratelli Tutti*
GD - *Gaudete in Domino*
Hb – Epístola aos Hebreus
Is – Isaías
Jo – Evangelho de João
Jó - Jó
Jr – Jeremias
Lc – Evangelho de Lucas
Mt – Evangelho de Mateus
Rm – Epístola aos Romanos
SD – *Salvifici Doloris*
SRS - *Sollicitudo Rei Socialis*

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
1 AS NOÇÕES INICIAIS DE SOFRIMENTO	17
1.1 A VISÃO CRISTÃ DE SOFRIMENTO	18
1.2 ALGUMAS FORMAS DE SOFRIMENTO	19
1.2.1 Perda de sentido	20
1.2.2 Desigualdade social	23
1.2.3 Um caso especial de sofrimento: Covid-19	25
1.3 ALGUNS EXEMPLOS BÍBLICOS DE SOFRIMENTO	26
1.3.1 Jeremias	27
1.3.2 Jó	29
1.3.3 Jesus Cristo	30
1.3.4 Paulo de Tarso	33
2 A CARTA AOS FILIPENSES	36
2.1 A CIDADE DE FILIPOS	36
2.2 A FUNDAÇÃO DA COMUNIDADE	37
2.4 A NECESSIDADE DE AJUDA E A PRISÃO	41
2.5 UMA CARTA, TRÊS BILHETES	44
3 A ALEGRIA NO SOFRIMENTO	46
3.1 ALEGRIA NO SENHOR	48
3.2 ALEGRIA NO ANÚNCIO DO EVANGELHO	52
3.3 ALEGRIA NA SOLIDARIEDADE	54
3.4 ALEGRIA NA PARUSIA	57
CONCLUSÃO	61
REFERÊNCIAS	64

INTRODUÇÃO

As situações dos sofrimentos estão presentes na vida dos seres humanos. Todos passam pelas experiências de sentir ou suportar alguma condição de aflição em suas vidas, sejam elas situações de aflições físicas, psíquicas ou espirituais. Contextos sociais, culturais, comunitários, espirituais, biológicos e outros influenciam a vida das pessoas, colocando-as muitas vezes em situações de vulnerabilidade, risco ou confronto. Estas situações se chocam diretamente com o bem estar e a normalidade de cada indivíduo.

Por não estar alheio à realidade, o povo de Deus também é assolado pelo sofrimento. Desde o Antigo Testamento, pode-se encontrar relatos dos sofrimentos que perpassam a história do povo eleito, homens e mulheres que, mesmo no seguimento das leis e ensinamentos, não deixaram de sentir em suas vidas a influência da adversidade. No Novo Testamento, vê-se inúmeros relatos de sofrimentos, como perseguições, martírios, doenças que castigaram a sociedade como um todo. Na própria pessoa de Jesus Cristo são encontradas realidades de sofrimentos, desde o seu nascimento até a sua paixão. Também o apóstolo Paulo traz em seus escritos as experiências do sofrimento que viveu em todo o seu apostolado e viagens.

Neste sentido, e tendo como tema a alegria no sofrimento com base na carta de São Paulo aos Filipenses, a presente pesquisa tem por objetivo apresentar alguns elementos da vivência da alegria paulina frente aos sofrimentos da atualidade. Para tal foram desenvolvidos três capítulos buscando fazer-se um caminho de compreensão ao tema proposto.

No primeiro capítulo serão apresentadas algumas noções de sofrimento, principalmente perpassando a visão cristã de sofrimento, baseando-se sobretudo na carta apostólica *Salvifici Doloris* de João Paulo II. Este capítulo ainda trará presente exemplos de sofrimentos dos dias atuais, divididos em três grupos, a saber: perda de sentido, desigualdade social e Covid-19. Por fim, apresenta-se exemplos de personagens bíblicos que viverem fortemente o sofrimento em suas realidades: Jeremias, Jó, Jesus Cristo e Paulo de Tarso.

O segundo capítulo apresenta um contexto geral da carta de São Paulo aos Filipenses. Esta carta foi chamada de “carta da alegria”, porque embora tenha sido escrita na prisão, envia mensagens alegres aos seus destinatários. Será apresentado o contexto histórico da cidade, bem como a fundação da comunidade cristã de Filipos. Posteriormente é trazido presente as circunstâncias que levaram a escrita da carta, principalmente a ajuda material dada pela comunidade a Paulo de Tarso enquanto estava

preso. Por fim o capítulo é finalizado com algumas pistas que mostra que, possivelmente, esta carta foi uma junção de três pequenos bilhetes menores.

Por fim, o último capítulo busca apresentar elementos da alegria vivida e proposta por Paulo quando se remete a comunidade cristã de filipos. Aqui serão trabalhados quatro características principais encontradas na epístola: Alegria no Senhor, Alegria no anúncio do Evangelho, Alegria na solidariedade, e por fim, Alegria na Parusia. Estes elementos apresentados não açambarcam todas as realidades de alegria que podem ser extraídas da epístola, antes são características gerais.

O presente trabalho não visa colocar um ponto final ou contemplar totalmente os temas propostos, antes quer trazer luzes a temas tão relevantes para nossos dias que são a alegria e o sofrimento. Separações, suicídio, agressões, são apenas alguns exemplos claros do que o sofrimento pode levar as pessoas a viverem. Sendo que em sua maioria, todos estas ações, são uma forma de parar com a situação de sofrimento vivida e buscar encontrar a alegria. Neste sentido, sendo temas tão antigos e tão atuais, a relevância desta pesquisa vai ao encontro de desafios vividos no cotidiano das pessoas devido às consequências dos sofrimentos e auxilia no debate que possa levar a cada um a cada vez mais tomar consciência de suas fragilidades e buscar melhorá-las e superá-las.

1 AS NOÇÕES INICIAIS DE SOFRIMENTO

O tema do sofrimento humano está em pauta em grandes discussões teológicas, filosóficas, existenciais, medicinais entre outras, pois todas as pessoas sofrem e desejam diminuir o seu sofrimento. Desde o nascimento a vida humana é uma sequência de sofrimentos: ao ser expulso do ventre materno, as primeiras dores, os primeiros não, as doenças, os relacionamentos difíceis, as realidades desiguais que influenciam na vida, projetos não realizados, sonhos não concretizados. Tantos são os sofrimentos humanos que uma pessoa pode sentir quantas as realidades que ela possa viver.

Derivado do verbo latino *sufferre*, que quer dizer suportar ou resistir, o sofrimento sempre nos remete a suportar ou resistir a uma aflição imposta, tal aflição é tão forte que supera a linha do sentimento negativo e adentra ao sentimento de aversão. Sendo assim, o que define a quebra da barreira da aflição leve para grave, a ponto de se tornar o sentimento de aversão, não é condicionado de igual para todas as pessoas. Cada pessoa tem a sua experiência de sofrimento conforme vive a realidade em que se encontra. Uma mesma realidade vivida em diferentes épocas da vida pode ser tratada de formas diferentes, sendo sofrimento ou não. Muitos são os fatores que contribuem para esta percepção diferente de realidade: idade, inteligência, caráter, saúde física e mental, condições financeiras. Contudo é certo que toda pessoa humana passará por momentos de aflições grave, ou seja, sofrimentos, durante a sua vida.¹

...o primeiro sofrimento com o qual o ser humano se depara ao nascer é o de se manter, na medida do possível, vivo. Argumenta que o sofrimento humano é complexo e multidimensional, mas, ao mesmo tempo, é uma experiência singular, própria, intransferível, que requer superação[...] o sofrimento psíquico é essencial e inerente ao ser humano, se constrói e se expressa nas relações; é delimitado em suas manifestações, simbolizado diferentemente por diferentes sujeitos, tem suas

¹ DRANE, James F. **Alívio para o sofrimento e a depressão: o papel da compreensão e da fé.** Trad. Adail Sobral. São Paulo: Paulus, 2015. p. 13-14.

particularidades; e, por isso, demanda compreensão singular, apoio e cuidado.²

Entre as linhas de conhecimentos que buscam compreender o sofrimento encontra-se a teologia, que trata diretamente da relação entre Deus e o sofrimento. A teologia Cristã, tendo suas bases nas Sagradas Escrituras e no magistério da Igreja, tenta dar luzes ao tema do sofrimento sempre apresentando de fundo a vida de Nosso Senhor Jesus Cristo, mas de modo especial sua Paixão, Morte e Ressurreição. Neste sentido apresentar-se-á agora a visão Cristã de sofrimento.

1.1 A VISÃO CRISTÃ DE SOFRIMENTO

Na visão cristã, o sofrimento é visto como parte da condição humana, resultado do pecado original e da queda da humanidade. A Bíblia apresenta inúmeros exemplos de sofrimento, destacam-se histórias desde Jó até a crucificação de Jesus Cristo. No entanto, o sofrimento não é visto apenas como algo sem sentido ou desesperador, mas como uma oportunidade de crescimento e amadurecimento espiritual.

Já a muito tempo a visão cristã apresenta que o sofrimento sempre esteve entre os problemas mais graves da vida humana, pois ali ele experimenta sua impotência, seus limites, e sua finitude.³ Sendo algo natural, esta miséria humana demonstra o estado em que o homem se encontra após o primeiro pecado, necessitando assim de salvação. Todos que vivem esta realidade são passíveis de um amor preferencial por parte da Igreja que nunca os abandonou apesar de seus membros falhos, os mais necessitados afim de aliviar, defender e libertar a todos.⁴

...a palavra “sofrimento” parece entender particularmente algo essencial à natureza humana. É algo tão profundo como o homem, precisamente porque manifesta, a seu modo, aquela profundidade que é própria do homem, e, a seu modo, a supera. O sofrimento parece pertencer a transcendência do homem; é um daqueles pontos

² MACÊDO, Shirley. Sofrimento Psíquico e cuidado com universitários: reflexões e intervenções fenomenológicas. **Revista Ecos**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, p. 265 – 277. 2018. p. cit. 268. Disponível em: <<http://www.periodicoshumanas.uff.br/ecos/article/view/2844>> Acesso em: 09 mar. 2023.

³ CATECISMO da Igreja Católica. São Paulo: Loyola, 2000. p. 412; CIgC 1500.

⁴ CATECISMO, 2000, p. 633; CIgC 2448.

em que o homem está, em certo sentido, “destinado” a superar-se a si mesmo; e é chamado de modo misterioso a fazê-lo.⁵

O sentido do sofrimento do homem é sempre um mistério, contudo o Papa João Paulo II apresenta em sua carta apostólica *Salvifici Doloris*, que aborda o tema do sentido cristão do sofrimento humano, que o mal é um dos grandes motivos do sofrimento humano. O homem sofre quando é afligido por um mal que é uma forma de falta ou de limitação de bem. Pode-se afirmar que o homem sofre quando não participa de um bem, quando um bem que lhe é de direito não lhe é permitido ou quando ele mesmo se privou deste bem.⁶

O Papa aborda a relação entre a dor humana e o sofrimento de Cristo na cruz. Ele enfatiza que a dor e o sofrimento são uma parte intrínseca da experiência humana, e que o sofrimento de Cristo na cruz não apenas traz redenção à humanidade, mas também revela o valor e o significado profundo do sofrimento humano. O Papa João Paulo II destaca que a mensagem central do cristianismo é a redenção através do sofrimento de Cristo. Ele afirma que o sofrimento humano, quando unido ao sofrimento de Cristo, adquire um novo significado e valor. O Papa ressalta que o sofrimento não é um fim em si mesmo, mas uma oportunidade para unir-se a Cristo e participar da obra salvífica de Deus.⁷

1.2 ALGUMAS FORMAS DE SOFRIMENTO

A realidade nos mostra uma gama infinita de sofrimentos que afligem a pessoa humana, pois cada um responde as realidades de forma diferente. Contudo é sabido que alguns dos sofrimentos tendem a se destacar mais que outros, influenciados diretamente em contextos individuais, familiares, comunitários e sociais. A pessoa humana é um ser íntegro em que cada ação sofrida pode abalar diferentes áreas do seu ser, isto é, um sofrimento físico pode abalar seu sentido de vida, um sofrimento derivado da desigualdade social pode abalar diretamente a dimensão física da pessoa, sendo assim cada sofrimento apresentando pode influenciar diferentes áreas de toda a pessoa.

⁵ JOÃO PAULO II. **Carta apostólica *Salvifici Doloris***. 11. ed. São Paulo: Paulinas, 2009. p. 6; SD 2.

⁶ JOÃO PAULO II, 2009, p. 13; SD 7.

⁷ JOÃO PAULO II, 2009, p. 40 - 45; SD 20 – 23.

1.2.1 Perda de sentido

A pessoa humana sempre procura um significado maior para a sua vida, movendo-se em busca de um sentido para a vida e dando um direcionamento ao seu viver.⁸ Este sentido pode ser colocado como um ponto de chegada, ou então um percurso reto a se seguir. Buscar este algo para além de si mesmo dá sentido à vida de cada um, pois abre-se ao outro, as possibilidades e a capacidade de se realizar. Esta realização é possível quando o homem deixa de olhar apenas para si e se volta para o outro e o mundo a sua volta encontrando a sua vocação e o propósito de ser.⁹

Entretanto o psiquiatra austríaco Viktor Frankl apresenta que a sociedade atual gratifica e satisfaz qualquer necessidade humana, todavia a necessidade de sentido para a vida não é suprida. Ele apresenta que muitas das necessidades que temos hoje são geradas e satisfeitas artificialmente pela própria sociedade, mas esta, muitas vezes, não consegue alcançar a necessidade de sentido.¹⁰

Esta perda de sentido para a vida pode gerar graves consequências. Doenças como depressão, que atingem mais de 300 milhões de pessoas em todo o mundo,¹¹ e a ansiedade somaram juntas um aumento de mais de 25%¹² de casos no primeiro ano da pandemia de COVID-19 em todo o mundo. Estas doenças tendem a gerar fortes sofrimentos, visto que a pessoa se encontra em um estado sem um caminho feliz a ser percorrido.

A depressão pode ser considerada um fenômeno muito amplo e complexo. Para se conseguir uma verdadeira compreensão aprofundada é

⁸ FRANKL, Viktor Emil. **Um sentido para a vida**: psicoterapia e humanismo. Trad. Victor Hugo Silveira Lapenta. Aparecid: Ideias & Letras, 2005. p. 25.

⁹ Ellen Maria Santoro: O sentido do sofrimento. Pagina 46

¹⁰ FRANKL, 2005, p. 22.

¹¹ ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE; ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Depressão**. Brasília: OPAS; OMS, 2021a. Não paginado. Disponível em: <<https://www.paho.org/pt/topicos/depressao>>. Acesso em: 8 mar. 2023

¹² ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE; ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Pandemia de Covid-19 desencadeia aumento de 25% na prevalência da ansiedade e depressão em todo o mundo**. Brasília: OPAS; OMS, 2021b. Não paginado. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/noticias/2_3-2022-pandemia-covid-19-desencadeia-aumento-25-na-prevalencia-ansiedade-e-depressao-em>. Acesso em: 8 mar. 2023.

necessário investigar, junto a pessoa que sofre deste mal, a sua história, seus sintomas, seus sonhos. Tudo isto é necessário tendo em vista as grandes singularidades caso a caso que são apresentadas.¹³

Segundo dados apresentados pela Organização Pan-Americana da Saúde¹⁴, ligada a OMS, “A depressão é um transtorno comum, mas sério, que interfere na vida diária, capacidade de trabalhar, dormir, estudar, comer e aproveitar a vida. É causada por uma combinação de fatores genéticos, biológicos, ambientais e psicológicos”¹⁵ e está presente na vida de 1 em cada 4 pessoas que moram nas américas.¹⁶

Quanto as consequências para a vida da pessoa que sofre deste transtorno, os sofrimentos psíquicos prejudicam não apenas a afetividade e o humor, mas estas características são antes como a ponta de um iceberg, pois, não aparecendo diretamente, encontram-se sofrimentos como a diminuição das funções intelectuais, falta de ânimo para a sociabilidade, o desinteresse sexual e outros.¹⁷

A angústia¹⁸ não é algo imperfeito, mas é algo que impulsiona o indivíduo a ser único, construindo assim a sua subjetividade, podendo-se assim dizer que quanto mais perfeito o homem, maior a sua angústia.¹⁹ Desta forma, para o filósofo dinamarquês Soren Aabye Kierkegaard, a angústia não pode ser taxada como parecida ou igual a inquietação ou ansiedade, mas como algo mais específico da existência humana. A angústia que Kierkegaard trabalha, é uma angústia existencial, que não é

¹³ LUZ, Fabíola. **A Depressão**. São Paulo: Paulus, 1994. p. 7.

¹⁴ A Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS) é a agência internacional especializada em saúde pública das Américas e tem por objetivo: Trabalhar a cada dia com países da região para melhorar e proteger a saúde de sua população. Oferece cooperação técnica em saúde a seus países membros, combate doenças transmissíveis e ataca as enfermidades crônicas e suas causas, além de fortalecer os sistemas de saúde e responder a emergências e desastres.

¹⁵ OPAS; OMS, 2021a, não paginado.

¹⁶ OPAS; OMS, 2021a, não paginado.

¹⁷ ABREU, Maria Célia de. **Depressão & maturidade**. Brasília: Plano, 2003. p. 29-31.

¹⁸ Trataremos aqui sobre a noção de angústia do filósofo e teólogo dinamarquês Soren Aabye Kierkegaard.

¹⁹ SILVA, Jadson Teles. Liberdade e Angústia em O Conceito de Angústia de Kierkegaard. **Inquietude**, Trindade, vol. 3, n. 2. 2012. p. 103 - 104. Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/0B4AeuuKw4oJnREdoZDR5UUwwc3M/view>> Acesso em: 14 mar. 2023.

momentânea, ela acompanha o indivíduo enquanto ele viver, sendo assim é impossível querer remover a angústia.²⁰

Quando o ser humano se encontra diante de muitas possibilidades, e através delas ter que definir a sua existência e assim assumir uma postura e tomar uma decisão, encontra-se no processo de angustiar-se. Esta possibilidade que se abre nem sempre irá se concretizar de modo esperado, abrindo um leque de possibilidades a serem concretizados. Dentro deste leque tudo é possível, entretanto, estas possibilidades não carregam garantias de realização, somente através de ilusões é que tais possibilidades são aceitas.²¹

Uma outra forma de sofrimento, e que tem atingido muito a população brasileira, é a ansiedade. A ansiedade pode ser caracterizada como um medo antecipado de algo que ainda não aconteceu, gerando tensão e desconforto. Adultos e crianças tendem a ter reações ansiosas diferentes dependendo de suas realidades. Para se compreender a diferença entre uma ansiedade normal e uma patológica é necessário avaliar as reações de curta duração e relacioná-las aos estímulos do momento.²²

É uma preocupação exagerada que pode abranger diversos eventos ou atividades da vida da pessoa e pode vir acompanhado de sintomas como irritabilidade, tensões musculares, perturbações no sono, entre outros. Costuma causar um comprometimento significativo no funcionamento

²⁰ SANTOS, Pedro Carlos Ferreira. A atualidade do conceito de angústia de Kierkegaard. 2012. Disponível em: <https://profpedrocarlos.wordpress.com/2012/06/28/a-atualidade-do-conceito-de-angustia-de-kierkegaard-2/#_ftn1> Acesso em: 14 mar. 2023.

²¹ PIRES, Danilo Chaves. A angústia como propiciadora de um encontro com o eu autêntico na ótica reflexiva de Søren Aabye Kierkegaard. **Revista de Magistro de Filosofia**. Anápolis, ano V, n. 9. 2012. p. 6. Disponível em: <<https://catholicadeanapolis.edu.br/revistamagistro/wp-content/uploads/2013/05/AG%C3%83%C5%A1STIA-COMO-PROPICIADORA-DE-UMENCONTRO-COM-O-EU-AUT%C3%83%C5%A0NTICO-NA-C3%83%E2%80%9CTICA-REFLEXIVA-DE-S%C3%83%E2%80%93REN-KIERKEGAARD.pdf>>. Acesso em: 9 mar. 2023.

²² CASTILLO, Ana Regina. et. al. Transtorno de Ansiedade. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, Rio de Janeiro, v. 22, supl. 2, p. 20 - 23. 2000. p. 20. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1516-4446200000600006>>. Acesso em: 25 mar. 2023.

social ou ocupacional da pessoa, podendo gerar um acentuado sofrimento.²³

Ela pode ser acompanhada de estímulos físicos como tremores, coração acelerado, aperto no peito entre outros. Estes estímulos são considerados normais quando a ansiedade é natural. Contudo tendem a se agravar gerando sofrimento quando a ansiedade já não é mais como um sistema de proteção e passa a ser uma patologia, isto é, quando a ansiedade não é mais uma ferramenta que ajuda a resolver uma situação, mas acaba dificultando ou até esmo inibindo uma reação.²⁴

1.2.2 Desigualdade social

Os sofrimentos da pobreza e da fome são uma realidade existente na maioria dos locais do mundo. Trata-se de pobreza quando corresponde a “não satisfação de necessidades humanas elementares como comida, abrigo, vestuário, educação, assistência à saúde, entre várias outras”.²⁵ Por sua vez a fome, que aqui se quer apresentar, “ocorre quando a alimentação diária, habitual, não propicia ao indivíduo energia suficiente para a manutenção do seu organismo e para o desempenho de suas atividades cotidianas”.²⁶

Um estudo realizado pela Universidade de Oxford e divulgado pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, feito em 109 países contemplando um total de cinquenta e nove bilhões de pessoas, mostra que mais de um bilhão e trezentas milhões de pessoas estão vivendo na pobreza, isto é, sem condições mínimas de saúde e educação

²³ RAMOS, Wagner Ferreira. “**Transtorno de Ansiedade**”. 54 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação), Curso de Acumputura, Faculdade Ebramec, São Paulo - SP, 2015. p. 10.

²⁴ RAMOS, 2015, p. 10.

²⁵ MONTEIRO, Carlos Augusto. A dimensão da pobreza, da desnutrição e da fome no Brasil. **Revista Estudos Avançados**, São Paulo. v. 17, n. 48, p. 7 – 20. 2003. p. 8. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9917>>. Acesso em: 25 mar. 2023.

²⁶ MONTEIRO, 2003, p. 8.

e baixo padrão de vida.²⁷ No Brasil, segundo a FGV, no ano de 2021, 29,6% da população brasileira estava vivendo na pobreza.²⁸

Em sua mensagem para o dia mundial do pobres de 2023, o Papa Francisco afirma que “a pobreza permeia as nossas cidades como um rio que engrossa sempre mais até extravasar; e parece submergir-nos, pois o grito dos irmãos e irmãs que pedem ajuda, apoio e solidariedade ergue-se cada vez mais forte”,²⁹ e continua, afirmando sobre as novas formas de pobreza:

Penso de modo particular nas populações que vivem em cenários de guerra, especialmente nas crianças privadas dum presente sereno e dum futuro digno[...] Não posso esquecer as especulações, em vários setores, que levam a um aumento dramático dos preços, deixando muitas famílias numa indignência ainda maior. Os salários esgotam-se rapidamente, forçando a privações que atentam contra a dignidade de cada pessoa[...] Além disso, como não assinalar a desordem ética que marca o mundo do trabalho? O tratamento desumano reservado a muitos trabalhadores e trabalhadoras; a remuneração não equivalente ao trabalho realizado; o flagelo da precariedade; as demasiadas vítimas de incidentes, devidos muitas vezes à mentalidade que privilegia o lucro imediato em detrimento da segurança.³⁰

²⁷ UNITED NATIONS DEVELOPMENT PROGRAMME. **Índice de Pobreza revela grandes desigualdades entre grupos étnicos**. 2021. Não paginado. Disponível em: <<https://www.undp.org/pt/brazil/news/%C3%ADndice-de-pobreza-revela-grandes-desigualdades-entre-grupos-%C3%A9tnicos>>. Acesso em: 10 abr. 2023.

²⁸ MAPA da nova pobreza: Estudo revela que 29,6% dos brasileiros têm renda familiar inferior a R\$ 497 mensais. **Portal FGV**, Rio de Janeiro, 18 jul. 2022. Não paginado. Disponível em: <<https://portal.fgv.br/noticias/mapa-nova-pobreza-estudo-revela-296-brasileiros-tem-renda-familiar-inferior-r-497-mensais>> Acesso em: 10 abr. 2023.

²⁹ FRANCISCO. **Mensagem do Santo Padre Francisco para o VII dia mundial dos pobres**. Roma, 13 jun. 2023. Não paginado. Disponível em: <<https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/poveri/documents/2023-0613-messaggio-vii-giornatamondiale-poveri-2023.html>>. Acesso em 10 abr. 2023.

³⁰ FRANCISCO, 2023, não paginado.

A pobreza e a fome não podem ser consideradas questões isoladas, mas sim como manifestações interconectadas de desigualdade estrutural e falta de acesso a recursos básicos. Para enfrentar esses problemas, é necessário um compromisso coletivo, que envolva governos, organizações internacionais, setor privado e a sociedade civil. Deve-se concentrar esforços em abordar as causas fundamentais da pobreza e da fome, como a falta de emprego, a desigualdade de renda e o acesso limitado a serviços básicos. Somente com ações abrangentes e sustentáveis pode-se criar um mundo mais justo e equitativo, onde cada indivíduo tenha a oportunidade de uma vida digna, livre da fome e da pobreza.

1.2.3 Um caso especial de sofrimento: Covid-19

A pandemia de COVID-19, que assolou o mundo nos últimos anos, tem sido uma fonte incontestável de sofrimento para milhões de pessoas em todo o planeta. Desde o surgimento do vírus até os impactos sociais, econômicos e emocionais resultantes das medidas de contenção, essa crise global tem deixado marcas profundas na vida das pessoas e comunidades. O sofrimento causado pela pandemia não se restringe apenas à saúde física, mas também se estende aos aspectos psicológicos, sociais e econômicos, afetando a qualidade de vida e o bem-estar de maneiras multifacetadas. Neste contexto desafiador, é essencial reconhecer e compreender o sofrimento vivenciado, a fim de buscar soluções e apoio adequados para superar essa adversidade e restaurar a esperança em um futuro mais promissor.

Necessitando adaptações especiais, toda a população mundial precisou se readaptar para conter a proliferação do Covid-19, que no ano de 2020 foi declarada uma pandemia. A falta de conhecimento específico sobre o vírus, a falta de tratamento com imunizantes, a soma elevada de mortes causadas pela doença, geraram uma necessidade de adotar medidas de prevenção como o isolamento e distanciamento social. Estas medidas ligadas a realidades políticas e econômicas instáveis, não só no Brasil, mas em outros países da América, geraram desafios ainda maiores e conseqüentemente um sofrimento mais intenso para muitas pessoas.³¹

³¹ RAFAEL, Ricardo de Mattos Russo, et. al. Sofrimento psíquico na pandemia de COVID-19: prevalência e fatores associados em uma faculdade de enfermagem. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Rio de Janeiro, v. 74, p. 1 – 8. 2021. p. 2. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/reben/a/PKRT69gJ9qQVmw3dsRnBFCp/?lang=pt>>. Acesso em: 10 abr. 2023.

Na dimensão física destacam-se alguns sintomas causados pelo vírus SARS-CoV-2: “febre, cansaço e tosse seca [...] perda de paladar ou olfato, congestão nasal, conjuntivite, dor de garganta, dor de cabeça, dores nos músculos ou juntas, diferentes tipos de erupção cutânea, náusea ou vômito, diarreia, calafrios ou tonturas.”³² Contudo, no âmbito da saúde mental, é certo que existem sofrimentos ainda maiores. O auto índice de casos de síndromes depressivas e ansiosas, como já citado antes, destacam-se após o tempo pandêmico. De modo especial, além dos afetados diretamente pela doença, estão os profissionais de saúde que se envolveram diretamente no combate a este vírus.³³

Segundo dados do Banco Mundial, os mais pobres e vulneráveis foram os que mais sofreram economicamente as consequências da pandemia. Após o fim do auxílio governamental e com a deterioração do mercado de trabalho, a renda familiar das famílias vulneráveis diminuiu em torno de 40%, sendo as mulheres as mais prejudicadas. A instituição ainda estima que a taxa de pobreza no Brasil se agravou no cenário pós pandêmico, sendo maior em 2021 que em 2020.³⁴

1.3 ALGUNS EXEMPLOS BÍBLICOS DE SOFRIMENTO

A Bíblia é “um grande livro sobre sofrimento”³⁵ e este mesmo sofrimento é designado de várias formas: tristeza, idolatria, maldade, iniquidade, mal, vazio.³⁶ O salmista chega afirmar: “Setenta anos é o total da nossa vida, os mais fortes chegam aos oitenta. A maior parte deles, sofrimento e vaidade, porque o tempo passa depressa e desaparecemos”.³⁷

Neste sentido serão apresentados quatro personagens bíblicos em que o sofrimento é algo que se destaca em suas vidas. Foram selecionados Jeremias, Jó, Jesus Cristo e Paulo.

³² OPAS; OMS, 2021b, não paginado.

³³ RAFAEL, 2021, p. 5.

³⁴ POBREZA e desigualdade no Brasil: pandemia complica velhos problemas e gera novos desafios para população vulnerável. **The World Bank**. Brasília, 14 jul. 2022. Não paginado. Disponível em: <<https://www.worldbank.org/pt/news/press-release/2022/07/14/pobreza-e-desigualdade-no-brasil-pandemia-complica-velhos-problemas-e-gera-novos-desafios-para-populacao-vulneravel>>. Acesso em: 10 abr. 2023.

³⁵ JOÃO PAULO II, 2009, p. 11; SD 6.

³⁶ ROSSI, Luiz Alexandre Solano (Org.); SILVA, Valmor da (Org.). **Sofrimento e esperança na Bíblia**. São Paulo: Paulus, 2021. p. 7.

³⁷ BÍBLIA SAGRADA da Ave Maria. São Paulo: Ave Maria, 2013; Sl 89.

1.3.1 Jeremias

Jeremias viveu num momento histórico decisivo: os anos que precederam a queda de Jerusalém e o começo do Exílio, isto é, o fim e o início de dois períodos. Nenhum outro personagem bíblico – excetuado Paulo – se nos apresenta de um modo tão impressionante e concreto como ele: “este profeta não se limitou a transmitir a palavra de Deus; transmitiu-nos igualmente sua palavra, as suas dúvidas, inquietações e temores”.³⁸

No livro do profeta Jeremias aparecem alguns trechos em tom de oração que relatam alguns de seus sofrimentos. Trata-se de lamentações nas quais, como em vários salmos, o profeta clama, queixa-se, discute com Deus, brada por socorro. São “confissões” que ainda hoje nos comovem porque nesses temores e dúvidas e tentações, tão intensamente expressos, reconhecemos os temores e perplexidades da nossa própria vocação.

A consciência do auxílio e proteção de Deus acompanhou Jeremias e o iluminou, até nas horas mais obscuras do sofrimento e da perseguição. [...] Até nessas orações vemos refletir-se o caráter forte de Jeremias, que manifesta o seu espírito em expressões sinceras e violentas, já que violentas eram as situações que vivia.³⁹

São muitos os relatos do sofrimento do profeta que aparecem em seus escritos, sendo mesmo difícil identificar em sua vida momentos calmos e serenos. Esta situação é ainda mais grave quando o autor do livro reconhece que todo este sofrimento que padece é por causa do seu ofício de profeta: “Suporto as humilhações por tua causa, Senhor”.⁴⁰ Ou seja, foi Deus que o colocou nesta situação. Mas mesmo reconhecendo isto o profeta fica na dura realidade de não poder mais abandonar os desígnios do Senhor. Não consegue deixar de viver esta realidade já experienciada de seguir as vontades do Senhor.⁴¹

³⁸ DIAZ, J.L. Sicre; SCHOKEL, L. Alonso. **Profetas I**: grande comentário bíblico. Trad. Anacleto Alvarez. São Paulo: Paulinas, 1988. p. 414.

³⁹ BOGGIO, Giovanni. **Jeremias**: o testemunho de um mártir. Trad. Irmã Isabel Fontes Leal Ferreira. São Paulo: Edições Paulinas, 1984. p. 140.

⁴⁰ BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002; Jr 15,15.

⁴¹ ROSSI, Luiz Alexandre Solano. **Como ler o livro de Jeremias**: profecia a serviço do povo. São Paulo: Paulus, 2002. p. 68-69.

Alguns dos sofrimentos relatados pelo profeta são: Jeremias sofreu críticas e maldições⁴², calúnias e risadas do povo⁴³, atentados⁴⁴, conspirações⁴⁵, espancamentos⁴⁶, acusações falsas⁴⁷, violências⁴⁸, prisões⁴⁹.

Um dos grandes relatos que chocam no livro do profeta Jeremias, fruto de tanto sofrimento que padece, é quando ele próprio amaldiçoa o dia que nasceu:

Maldito o dia em que eu nasci! O dia em que minha mãe me gerou não seja abençoado! Maldito o homem que deu a meu pai a boa nova: "Nasceu-te um filho homem!", e lhe causou uma grande alegria. Que este homem seja como as cidades que Iahweh destruiu sem compaixão; que ele ouça o clamor pela manhã e o grito de guerra ao meio-dia, porque ele não me matou desde o seio materno, para que minha mãe fosse para mim o meu sepulcro e suas entranhas estivessem grávidas para sempre. Por que saí eu do seio materno para ver trabalhos e penas e terminar os meus dias na vergonha?⁵⁰

Diante de tantos sofrimentos por causa da sua vocação e missão e a complexidade e riqueza trazida pelo profeta, tudo em busca de fazer a vontade do Senhor e pela salvação do povo, é notório muitas vezes se comparar a figura de Jeremias com a de Cristo. Sem dúvidas Jeremias é o personagem que mais se destacou no Antigo Testamento com a proximidade de características com o Messias.⁵¹

⁴² Jr 15,10.

⁴³ Jr 20,7.

⁴⁴ Jr 18,20; 26,23-24.

⁴⁵ Jr 18,18.

⁴⁶ Jr 20,2.

⁴⁷ Jr 26,11; 37,13-14.

⁴⁸ Jr 37,14-15.

⁴⁹ Jr 37,15-16.

⁵⁰ Jr 20,14-18.

⁵¹ BOGGIO, 1987, p. 143 – 144.

1.3.2 Jó

O livro de Jó narra a história de um homem virtuoso que enfrenta grandes aflições, perdendo sua riqueza, família e saúde. Ele não entende por que Deus permitiu isso. O leitor sabe que Deus está testando a fé de Jó diante de Satanás. Três amigos vêm consolá-lo, e todos se envolvem em uma longa discussão. Os amigos tentam explicar os sofrimentos de Jó relacionando-os aos seus pecados, mas Jó rejeita essa teoria. Em vez de seguir o conselho deles para aprender e se reconciliar com Deus, Jó insiste em sua própria inocência e questiona a justiça de Deus em seu tratamento.⁵²

Existe a narração de duas grandes provações pelo sofrimento no livro de Jó. A primeira Jó perde seus bens, gado, servos e filhos. Porém, mesmo diante desta provação ele se mantém com fé em Deus, chegando a proclamar “Nu saí do ventre de minha mãe e nu voltarei para lá. Iahweh o deu, Iahweh o tirou, bendito seja o nome de Iahweh.”⁵³. Na segunda provação Jó é atingido na carne, dos pés a cabeça, e acaba se isolando na parte externa da cidade, onde recebe a visita de três amigos, que diante do sofrimento encontrado permanecem em silêncio setes dias e sete noites. O silêncio do sofrimento só é rompido com Jó amaldiçoando o dia do seu nascimento.⁵⁴

Jó, convencido de que é Deus quem está causando seu sofrimento, expressa questionamentos sobre a justiça divina. À medida que seu sofrimento continua, ele deixa de ouvir os conselhos de seus amigos e dirige-se diretamente a Deus, questionando até mesmo porque nasceu. Quanto mais Jó questiona a Deus e afirma sua inocência, mais seus amigos intensificam suas palavras, desejando que ele reconheça seus erros. Apesar de sentir revolta e se sentir insultado pelos amigos, Jó mantém sua confiança em Deus. Oscilando entre a dúvida, a incompreensão dos planos de Deus e a fé, Jó derrama seu coração diante de Deus.⁵⁵

No ponto de vista de seus amigos, o sofrimento de Jó deveria seguir uma lógica moral de castigo para um pecado, sendo um mal

⁵² ANDERSEN, Francis I. **Jó**: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 1984. p. 13.

⁵³ Jó 1,21.

⁵⁴ LISBOA, Noeli Tejera; LIMA, Adriano Souza. A criação e o sentido do sofrimento no livro de Jó. **Caderno Intersaberes**, v. 11, n. 36, p. 81 – 97. 2022. p. 88.

⁵⁵ LISBOA, 2022, p. 88 – 89.

justificado. Esta afirmação de um mal como castigo segue uma ordem de justiça e isto é expresso quando o amigo de Jó afirma: “Eu vi bem: aqueles que cultivam a desgraça e semeiam o sofrimento são também os que os colhem”.⁵⁶

A revelação divina lança luz sobre o problema do sofrimento do homem inocente de forma clara: o sofrimento sem culpa. Jó não foi castigado, não havia razão para ele ser afligido, mesmo assim, ele passou por uma prova extremamente difícil. Se o Senhor permite que Jó seja testado através do sofrimento, é para demonstrar Sua justiça. O sofrimento possui um caráter de prova.⁵⁷

Para descobrir o sentido profundo do sofrimento, seguindo a Palavra de Deus revelada, é preciso abrir-se amplamente ao sujeito humano com as suas múltiplas potencialidades. É preciso, sobretudo, acolher a luz da Revelação, não só porque ela exprime a ordem transcendente da justiça, mas também porque ilumina esta ordem com o amor, qual fonte definitiva de tudo o que existe. O amor é ainda a fonte mais plena para a resposta à pergunta acerca do sentido do sofrimento. Esta resposta foi dada por Deus ao homem, na Cruz de Jesus Cristo.⁵⁸

1.3.3 Jesus Cristo

Jesus Cristo, mesmo sendo totalmente Deus, se faz homem e assume toda a “consequência” que este rebaixamento pode gerar. Na epistola aos Filipenses São Paulo faz um grande hino cristológico e demonstra essa realidade:

Ele, estando em forma de Deus não usou de seu direito de ser tratado como Deus mas se despojou, tomando a forma de escravo. Tornando-se semelhante aos homens e reconhecido em seu aspecto como um homem abaixou-se, tornando-se obediente até a morte, à morte sobre uma cruz.⁵⁹

⁵⁶ JOÃO PAULO II, 2009, p. 19; SD 11.

⁵⁷ JOÃO PAULO II, 2009, p. 20; SD 11.

⁵⁸ JOÃO PAULO II, 2009, p. 22; SD 12.

⁵⁹ Fl 2,6-8.

Podemos verificar na vida de Jesus vários momentos em que o Senhor se depara com o sofrimento, mas destaca-se de maneira especial a sua paixão e morte na cruz. Vale trazer presente que o sofrimento de Jesus era tanto durante a sua paixão, que São Lucas chega a firmar que Jesus suava como que gotas de sangue: “E, cheio de angústia, orava com mais insistência ainda, e o suor lhe tornou semelhante a espessas gotas de sangue que caíam por terra”.⁶⁰

Jesus Cristo, ao morrer na cruz pelos pecadores, demonstrou um amor incondicional ao enfrentar não apenas o sofrimento físico, mas também uma série de outros sofrimentos. Na crucificação, Ele experimentou o desespero, a rejeição, a solidão, a pobreza, a perda e a tortura. Ele foi abandonado para que os pecadores pudessem ser resgatados. Jesus entregou Sua própria vida para que outros pudessem recebê-la. Portanto, quando questionamos como um Deus bondoso pode permitir o sofrimento, uma das respostas não pode ser que Jesus, sendo Deus encarnado, é indiferente ao sofrimento humano. Jesus é sensível ao sofrimento humano, pois Ele mesmo o experimentou. Ele voluntariamente decidiu carregar o peso da humanidade em Seus ombros, enfrentando as consequências, movido apenas pelo amor.⁶¹

De qualquer modo, Cristo aproximou-se do mundo do sofrimento humano, sobretudo pelo fato de ter Ele próprio assumido sobre si este sofrimento. Durante a sua atividade pública, Ele experimentou não só o cansaço, a falta de uma casa, a incompreensão mesmo da parte dos que viviam mais perto dEle, mas também e acima de tudo foi cada vez mais acantado por um círculo hermético de hostilidade, ao mesmo tempo que se iam tornando cada dia mais manifestos os preparativos para o eliminar do mundo dos vivos. E Cristo estava cômico de tudo isto e muitas vezes falou aos seus discípulos dos sofrimentos e da morte que o esperavam: "Eis que subimos a Jerusalém; e o Filho do Homem vai ser entregue nas mãos dos príncipes dos sacerdotes e dos escribas, e eles condená-lo-ão à morte e entregá-lo-ão nas mãos dos gentios, que o hão de escarnecer, cuspir sobre Ele, flagelar e matar. Mas três dias depois

⁶⁰ Lc 22,44.

⁶¹ OLIVEIRA, Eduarda de Souza. A dádiva do sofrimento. **Revista Ensaios Teológicos**, Ijuí, v. 7, n.2, p. 152 – 160. 2021. p. 154.

ressuscitará". Cristo vai ao encontro da sua Paixão e Morte com plena consciência da missão que deve realizar exatamente desse modo.⁶²

Neste sentido é justamente por meio deste sofrimento que Jesus faz com que o homem não pereça, mas tenha vida. É pela cruz que o Senhor atinge mais precisamente o mal que assola as almas humanas e o derrota. Na Cruz de Cristo que é realizada a obra da salvação, obra esta de amor eterno de cunho redentor que busca salvar a todo homem e mulher que se aproxima com generosidade desta verdade.

O Dr. Pierr Barbet, autor do livro *A Paixão de Cristo Segundo o Cirurgião*, após estudar o Santo Sudário, faz uma meditação detalhada sobre a Paixão de Jesus Cristo:

A flagelação se faz com correias múltiplas, nas quais vão fixados, a alguma distância da extremidade livre, duas balas de chumbo ou ossinhos. (É pelo menos a este gênero de flagelo que correspondem os estigmas do Santo Sudário). [...] As chicotadas vão até às coxas e barrigas-das- pernas; e ali, a extremidade das correias, além das balas de chumbo, contorna o membro e vem marcar seu sulco até a face anterior das pernas.⁶³

E continua:

Aos primeiros golpes as correias deixam longos riscos azuis de equimose subcutânea. Lembrai-vos que a pele já está sensibilizada, dolorida pelos milhões de pequenas hemorragias intradérmicas do suor de sangue. As balas de chumbo marcam mais. Em seguida a pele, infiltrada de sangue, mais sensível, é dilacerada por novos golpes. O sangue jorra, pedaços se destacam e ficam pendentes. [...] Mas, cedo as forças do supliciado começam a desfalecer, um suor frio inunda Sua fronte, a cabeça Lhe gira com sensações de vertigem e náuseas, calafrios Lhe passam ao longo da espinha. Suas pernas se dobram sob Seu peso e, se não

⁶² JOÃO PAULO II, 2009, p. 23 - 24; SD 14.

⁶³ BARBET, Pierre. **A paixão de N. S. Jesus Cristo segundo o cirurgião**. Trad. Cônego José Alberto de Castro Pinto. Rio de Janeiro: Editora Santa Maria, 1954. p. 165.

estivesse ligado no alto pelos punhos, teria caído naquele lago de sangue.⁶⁴

Pode-se ver nos sofrimentos de Jesus uma realidade de sofrimento única na história da humanidade. Ele, mesmo sendo inocente, carrega sobre si todos os sofrimentos pois assume o pecado dos homens. Sendo assim pode-se se delimitar que Deus não deseja o sofrimento, mas que acompanha a pessoa humana junto a sua dor, pois Cristo estava na Cruz.⁶⁵

1.3.4 Paulo de Tarso

No livro de Atos dos Apóstolos, Lucas registra várias passagens e eventos relacionados à Paulo. Ele descreve a conversão de Paulo no caminho para Damasco, onde ele teve um encontro com Jesus Cristo ressuscitado e se tornou um seguidor dedicado. Lucas relata que, após sua conversão, Paulo começou a pregar o evangelho com grande fervor e coragem.

Já no início da conversão de Paulo podemos ver a presença do sofrimento. Paulo cai por terra⁶⁶, fica cego⁶⁷, tentaram matá-lo⁶⁸. Também no decorrer de seu apostolado Paulo teve de lhe dar constantemente com o sofrimento. Na segunda carta que escreve a comunidade de Corinto, Paulo faz sua grande descrição de sofrimentos padecidos:

São ministros de Cristo? Como insensato digo: muito mais eu. Muito mais pelas fadigas; muito mais, pelas prisões; infinitamente mais, pelos açoites. Muitas vezes, vi-me em perigo de morte. Dos judeus recebi cinco vezes os quarenta golpes menos um. Três vezes fui flagelado. Uma vez, apedrejado. Três vezes naufraguei. Passei um dia e uma noite em alto-mar. Fiz numerosas viagens. Sofri perigos nos rios, perigos dos ladrões, perigo por parte dos meus irmãos estirpe, perigos dos falsos irmãos. Mais ainda: fadigas e duros

⁶⁴ BARBET, 1954, p. 166.

⁶⁵ SANTOS, Jefferson André. **“Em Jesus, pensar o Deus da Esperança apesar do Sofrimento e do Mal”**. 50 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação), Teologia, PUC-SP, São Paulo – SP, 2018. p. 25.

⁶⁶ At 9,4.

⁶⁷ At 9,8.

⁶⁸ At 9,23.

trabalhos, numerosas vigílias, fome e sede, múltiplos jejuns, frio e nudez!⁶⁹

Este sofrimento do apóstolo dos gentios tem um fundamento básico: sofrer em nome do Senhor. Isto fica evidente quando se é analisado todo o cânon Paulino. O sofrimento, antes de ser o fundamento de questionamentos e revoltas contra o Senhor, é reconhecido como característica própria do apostolado. Assim o propósito de revelar o poder de Deus pelos sofrimentos é atingido na realidade de cruz, fazendo com que a realidade plena de vida, em um contexto escatológico, ainda não fora atingida plenamente.⁷⁰

Ildo Perondi⁷¹ ainda comenta sobre outras realidades de sofrimento que acompanharam Paulo no seu apostolado, principalmente na sua relação com as comunidades fundadas pelo apóstolo:

Os sofrimentos eram de todos os tipos. Alguns parecem ser de natureza emocional ou espiritual: "durante três anos, dia e noite, não cessei de admoestar, com lágrimas, a cada um de vós" (At 20,31). O apóstolo afirma ao escrever à comunidade de Roma: "Tenho grande tristeza e dor incessante no coração" (Rm 9,2). A preocupação que Paulo tinha com as comunidades também o fazia sofrer muito (2Cor 11,28); talvez, o maior causador de sofrimento de todos. Ele sabia da fragilidade dessas comunidades diante do império e de outros adversários. Porém, um dos incômodos que também o faziam sofrer eram as divisões internas, a falta de uma vida coerente de pessoas que haviam abraçado a fé e criavam escândalos com o seu modo de viver. A primeira carta aos Coríntios reflete a angústia de Paulo diante das divisões (1 Cor 1,10-13) e da incoerência até mesmo no momento de celebrar a Ceia (11,17-34). A situação da comunidade de Corinto o levou a escrever a "Carta entre lágrimas" (possivelmente, um texto que foi perdido), em que ele mesmo afirma: "foi com grande tribulação e com o coração

⁶⁹ 2Cor 11,23-27.

⁷⁰ HAWTHONE, Gerald; MARTIN, Ralph; REID, Daniel. **Dicionário de Paulo e suas Cartas**. São Paulo: Vida Nova; Paulus; Edições Loyola, 2008. p. 1180 – 1181.

⁷¹ Doutor em Teologia Bíblica pela PUC-Rio.

angustiado que vos escrevi em meio a muitas lágrimas" (2Cor 2,4).⁷²

Neste sentido é possível identificar que o apostolado de Paulo é permeado constantemente pelo sofrimento. Sua vida e missão são ordinariamente postas em prova diante das duras realidades que aparecem. Contudo Paulo não desiste de anunciar o Evangelho e se põe constantemente a caminho.

⁷² ROSSI, 2021, p. 129.

2 A CARTA AOS FILIPENSES

A carta aos Filipenses foi chamada de “carta da alegria”, porque, embora tenha sido escrita na prisão, envia mensagens alegres aos filipenses. Não é por acaso que em qualquer outra carta a palavra “alegria” não é repetida tantas vezes como na carta aos filipenses. A carta é dirigida aos cristãos e, de fato, a todos os cristãos, como o próprio apóstolo Paulo afirma enfaticamente, de sua amada igreja de Filipos.

Assim, apesar de não lhe faltar conteúdo teológico, é uma carta que se destaca por suas características emocionais e certamente difere do estilo familiar das outras cartas tanto em relação à estrutura do texto quanto em relação ao estilo de fala. “Paulo”, deixa o seu coração exprimir-se no tom mais espontâneo e terno, para agradecer aos cristãos de Filipos que repetidamente lhe enviaram ajuda noutras alturas, mas também agora que está preso.

2.1 A CIDADE DE FILIPOS

A cidade foi construída sobre uma colina que se eleva na planície, perto do rio Ganges. Ao Sul havia um grande pântano. A acrópole de Filipos estava localizada em uma grande rocha na parte nordeste da cidade. As escavações das ruínas mostram que a Rua Egnatia atravessava o centro da cidade e que ao longo desta rua havia um mercado bastante grande.⁷³

A língua falada em Filipos “era o Latim. Gostavam de vestir-se à moda romana. As moedas de Filipos eram cunhadas com inscrições latinas. Cada veterano recebia do imperador uma porção de terra em doação”.⁷⁴ Além do mais a “cidade possuía a qualidade de *Ius Italicum*, ficando livre de taxas e impostos. Sua população era de classe média alta, tendo muitos habitantes com bom nível de instrução”.⁷⁵

Como em quase todas as cidades da Ásia Menor e Europa, também Filipos tinha uma comunidade judaica. Filipos não apenas representou um passo novo para anúncio apostólico como afastamento de

⁷³ CARSON, Donald A. e Douglas J. Moo. **Uma Introdução ao Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2005. p. 17.

⁷⁴ HENDRIKSEN, W. **Filipenses**. Trad. Valter Graciano Martins. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1992. p. 18.

⁷⁵ MAZZAROLO, Isidoro. **Carta de Paulo aos Filipenses**. 2. ed, Rio de Janeiro: Mazzarolo editor, 2011. p. 11.

Jerusalém, mas também foi a porta de entrada do Evangelho em terras europeias.⁷⁶

O nome da cidade vem de Filipe II. Sendo uma colônia romana, era regida pelas regras romanas, e seus habitantes gozavam de privilégios romanos, como por exemplo o direito de apelar ao imperador.⁷⁷ Mesmo tendo uma população de consciência romana, como afirma Lucas em At 16,21, era constituída por uma grande diversidade de culturas, desde antigos soldados romanos a imigrantes itálicos. Nesta situação, a diversidade e os cultos também eram grandes: culto ao imperador romano, cultos egípcios, sírios, gregos e outros, todos estes compunha toda uma realidade heterogênea. Mas mesmo ali, um pequeno grupo de judeus se faziam presentes.⁷⁸

Pode-se afirmar que existia uma certa animosidade contra os judeus em Filipos. Seu pequeno número e posteriormente os ataques contra a comunidade cristã nascente dão testemunho disso. Paulo constantemente anima a comunidade a perseverar na fé, mesmo diante das perseguições e conflitos sofridos.⁷⁹

2.2 A FUNDAÇÃO DA COMUNIDADE

A importância da comunidade de Filipos é muito grande. Além de ser a primeira comunidade em terras europeia, Paulo recebe uma visão para se dirigir até ela: “Ora, durante a noite, sobreveio a Paulo uma visão. Um macedônio, de pé diante dele, fazia-lhe este pedido: “Vem para a Macedônia, e ajuda-nos!”⁸⁰ Esta visão é recebida durante a segunda viagem missionária do apóstolo, enquanto se encontrava em Trôade na Ásia menor.⁸¹

Paulo e seus companheiros lá fundaram sua Igreja durante sua segunda viagem missionária, por volta do ano 50 (At 16, 11-40), e lá retornaram em uma ou mais visitas durante a sua terceira viagem

⁷⁶ MAZZAROLO, 2011, p. 11.

⁷⁷ BARCLAY, William. **Filipenses**. Trad. Carlos Biagini. Glasgow, 1959. p. 19.

⁷⁸ LÉGASSE, Simon. **A Epístola aos Filipenses e a Epístola a Filêmon**. São Paulo: Paulinas, 1984. p. 7.

⁷⁹ MARTIN, Ralph P. **Filipenses**: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 1985. p. 19.

⁸⁰ At 16,9.

⁸¹ LÉGASSE, 1984, p. 8.

missionária (At 20, 1-6). É difícil determinar quanto tempo Paulo permaneceu em Filipos nessas ocasiões, mas foi o suficiente para que se estabelecesse uma relação íntima sua com a comunidade inicial. A igreja de Filipos foi a primeira igreja a ser fundada por Paulo em território pertencente à Europa continental.⁸²

Vale destacar que Paulo prega o Evangelho de uma forma diferente na cidade de Filipos, “como não havia sinagoga na cidade, no sábado, Paulo e seus companheiros iam para fora da cidade, às margens de um rio, onde provavelmente os judeus costumavam rezar (At 16,13)”.⁸³ Sendo as mulheres as primeiras destinatárias do anúncio na comunidade, logo uma se destacou, Lídia, “por ter sua origem pagã, se sobressaía ao seu marido ou era mulher independente, pois no momento em que ela aceita o batismo, toda a sua casa se faz batizar”.⁸⁴

Lídia e os cristãos de Filipos se transformaram na Igreja solidária no ministério de Paulo. Essa igreja, não obstante a perseguição dos judeus sabe das necessidades concretas de Paulo e do seu grupo e vai supri-las, em grande parte. Paulo não queria usufruir dos direitos dos pregadores e preferia o autossustento (20, 33-35; 1Ts 2,9; 2Ts 3,8), mas a comunidade de Filipos rompia esse protocolo e lhe enviava donativos e suprimentos aos quais Paulo também sabia agradecer (Fl 4,10-18).⁸⁵

Não se tem conhecimento exato do tempo em que Paulo permaneceu na comunidade de Filipos, contudo sua primeira permanência durou alguns meses. O desafio enfrentado por Paulo para permanecer mais tempo na comunidade foi a “libertação de uma jovem

⁸² HAHN, Scott; MITCH, Curtis; WALTERS, Dennis. **As Cartas de São Paulo aos Filipenses, aos Colossenses e a Filêmon**: Cadernos de estudo bíblico; Trad. de Lucas Cardoso. Campinas, São Paulo: Ecclesiae, 2018. p. 20.

⁸³ PERONDI, Ildo; ROSSI, Luiz A. S. **Paulo**: agente de pastoral e semeador de comunidades. São Paulo: Paulus, 2019. p. 59.

⁸⁴ PERONDI, 2019, p. 59.

⁸⁵ MAZZAROLO, Isidoro. **Atos dos Apóstolos ou Evangelho do Espírito Santo**. Rio de Janeiro: Mazzarolo editor, 2014. p. 212.

escrava que possuía um espírito de adivinhação⁸⁶ (At 16,16ss). Como obtinham lucro com as adivinhações da jovem escrava, seus donos se sentiram lesados economicamente após a sua libertação. Sendo assim, denunciaram Paulo e Silas para os responsáveis.⁸⁷

Esta denúncia deriva na prisão do apóstolo e do discípulo, contudo “a noite, um violento terremoto sacudiu a prisão e libertou os prisioneiros. O carcereiro tentou o suicídio, julgando que os prisioneiros haviam fugido”.⁸⁸ Tomado de misericórdia e movido pelo Espírito, Paulo impede o carcereiro de cometer suicídio e acaba convertendo o mesmo, tendo por fim ele e sua família sido batizados.⁸⁹ Após, esse acontecimento, “sabendo que Paulo não podia ser flagelado nem preso, pois era cidadão romano, os magistrados o liberaram com Silas e rogaram para que deixassem a cidade (At 16,35-40)”.⁹⁰

Contudo, Paulo partiu de Filipos em direção a Tessalônica com Silas e Timóteo. Lucas ficou na cidade. Paulo o reencontrou ali na sua segunda visita a Filipos (At 20, 5-6). Alguns autores pensam que Lucas era originário de Filipos. Aos partir, Paulo deixou uma jovem e dinâmica comunidade, que continuou a crescer e prosperar e que se manteve fiel ao Evangelho. O Apóstolo se identificou muito com essa comunidade. Ele a chamou de “minha alegria e minha coroa” (Fl 4,1).⁹¹

2.3 CIRCUNSTÂNCIAS DA CARTA

Se faz necessário a compreensão de nuances éticas na carta de São Paulo aos Filipenses, pois nota-se, mesmo em outras cartas “uma nítida associação entre fé e práxis social, entre evangelho e política, entre religião e engajamento concreto na construção da justiça, entre

⁸⁶ “Literalmente, ‘espírito de píton’, referente à serpente mítica que guardava o templo grego de Apolo, em Delfos. Acreditava-se que a pessoa controlada por um espírito de píton tinha o poder de ler o futuro. Donos da escrava ganhavam muito dinheiro em cima de seu infortúnio, e ficaram irados quando Paulo expulsou o demônio (16, 19)”. (HAHN, 2018, p. 85).

⁸⁷ PERONDI, 2019, p. 59.

⁸⁸ PERONDI, 2019, p. 59.

⁸⁹ At 16,24-34.

⁹⁰ PERONDI, 2019, p. 59.

⁹¹ PERONDI, 2019, p. 59.

comunidade cristã e comunidade sociopolítica”.⁹² Sua pregação não se desliga da vida concreta das pessoas, nem por isso deixa de perder seu lado profético, sendo assim não separa o Evangelho da Cidadania de cada pessoa. Paulo utiliza-se de dois métodos para arrebanhar o povo da comunidade de Filipos: Persuasão e Dissuasão.

Persuasão: Paulo insiste que os Filipenses necessitam ser seus imitadores (Fl 3,17), a fim de que todo o seu trabalho não se torne em vão (Fl 2,16). A corrida pelo Evangelho tinha objetivos claros, exigiu renúncias, sacrifícios, lutas de toda a sorte, mas o resultado estava na responsabilidade dos seus receptores, que, nesse caso, são seus grandes parceiros e amigos (Fl 1,7).⁹³

A vida cristã é chamada a viver o testemunho real, tendo a sua base no testemunho do próprio Cristo. Paulo compreende esta importância sobretudo na realidade de Filipenses. “Ele ensina a seus convertidos mediante preceitos orais e escritos, sobre como deveriam viver; entretanto, um exemplo vivo poderia ser mais eficaz do que muitas palavras”.⁹⁴ Por isso, “ele admoesta seus discípulos a seguir seu exemplo, uma vez que ele mesmo pauta sua vida no exemplo de Cristo (Fl 4,9; 1Cor 11,1).⁹⁵ Tendo em vista, essa ação evangelizadora, Paulo quer dizer: “não corri em vão, nem trabalhei inutilmente. Não me esforcei tão arduamente “por uma glória vazia”, não corri nem labutei por nada”.⁹⁶

Dissuasão: Inicialmente, o apóstolo informa seus leitores da sua própria situação (Fl 1,12-20) e faz alguns apelos sobre a necessidade de evitar os contatos com os maus elementos da comunidade e o imperioso compromisso da unidade e a dignidade da nova vida em Cristo (Fl 1,25- 2,4). Num segundo momento, passa a dissuadir os Filipenses dos maus operários, do comportamento indigno de cristãos e da necessidade de precaver-se diante de

⁹² MAZZAROLO, 2011, p. 16.

⁹³ MAZZAROLO, 2011, p. 16.

⁹⁴ BRUCE, F. F. **Filipenses**: Novo comentário bíblico contemporâneo Filipenses. Flórida: Vida, 1992. p. 137.

⁹⁵ HAHN, 2018, p. 20.

⁹⁶ HENDRIKSEN, 1992, p. 166.

todas as propostas contrárias ao Evangelho por ele anunciado (Fl 3, 2-16).⁹⁷

Existem ainda duas características, uma positiva e outra negativa, que se destacam para a escrita desta carta. A primeira e positiva são as realidades que aparecem logo ao início da carta: a parte no Evangelho, luta e resistência, provas de fidelidade, a participação nos sofrimentos de Cristo. Por sua vez, nem tudo estava bem na comunidade de Filipos. O Paulo motiva para que vivam na concórdia e com humildade, pede que as dificuldades entre Evódia e Sintique sejam sanadas, mas principalmente o autor se preocupa com aqueles que dificultam o anúncio e a vivência do Evangelho, provavelmente recém convertidos.⁹⁸

O apóstolo não fazia segredo de seus combates hodiernos, sempre deixava claro seus sofrimentos e circunstâncias que o assolavam e apresentava as dificuldades da comunidade. Estes mesmos sofrimentos eram para a comunidade, que também sofria suas lutas, exemplo para perseverarem: “Do lado externo, calúnias, maledicências, perseguições, cadeias e outras mais (2 Cor 11,16-33); do lado interno, rejeição da autoridade (1 Cor 9,1-12; Fl 1,15)”.⁹⁹

2.4 A NECESSIDADE DE AJUDA E A PRISÃO

Como demonstrado anteriormente, a respeito da jovem escrava possuída pelo Espírito de adivinhação que foi curada (At 16,16), Paulo e Silas tiveram problemas financeiros em sua caminhada de Evangelização. “A comunidade de Filipos, no entanto, estava muito comprometida com o projeto evangelizador do Apóstolo. Não obstante, Paulo quisesse ser independente do ponto de vista econômico”,¹⁰⁰ neste sentido o apóstolo não queria ser um peso, sendo taxado de aproveitador ou preguiçoso, mas mesmo assim, movidos pela generosidade, a comunidade socorria Paulo com auxílios financeiros.

Diante desta realidade sofrida, um personagem que se destaca é Epafrodito, que se coloca em missão, enviado pela comunidade para levar auxílio financeiro e ser uma presença servicial ao apóstolo dos gentios:

⁹⁷ MAZZAROLO, 2011, p. 16.

⁹⁸ BARBAGLIO, Giuseppe. **As Cartas de Paulo II**. São Paulo: Loyola, 1991. p. 354

⁹⁹ MAZZAROLO, 2011, p. 53.

¹⁰⁰ MAZZAROLO, 2011, p. 53.

Epafrodito é enviado pela comunidade a levar os auxílios necessários ao Apóstolo, no lugar do cativo (Éfeso, Roma ou Cesaréia?), e tinha também recebido a missão de passar um tempo fazendo companhia e prestando outros auxílios, permitindo que Paulo pudesse evangelizar, mesmo preso. Em virtude de sua doença, Paulo teve que encaminhá-lo de volta, logo após seu restabelecimento (Fl 2,25-30). Paulo estava sozinho e, até certo ponto, desencantado com a falta de solidariedade dos cristãos que havia evangelizado (Fl 2,20).¹⁰¹

Diante desta realidade é certo afirmar que Paulo está preso, contudo existe o questionamento do local exato de onde Paulo escreve a carta. Sabe-se que ele esteve preso com Silas enquanto estavam em viagem (At 16,23-40), entretanto se utilizam do passaporte romano, que lhe concede algumas regalias em território do império, para serem libertados. “É óbvio que esta situação não entra nos méritos da carta, pois Paulo está fora de Filipos ao escrever para essa Igreja. Assim, outros três lugares podem ser cotizados como local de origem da carta: Roma, Éfeso e Cesaréia”.¹⁰²

Roma: “As referências ao “pretório” e à “casa Imperial” dão créditos ao cenário de Roma como local da carta; e a expectativa de Paulo quanto ao seu retorno do julgamento em breve aponta para o ano de 62 a.C..”.¹⁰³ Se aceita esta tese, pode se compreender a tranquilidade de Paulo, que já desgastado pela missão de evangelizar, aguarda o descanso da vida eterna.

Para todos quantos sustentam ser Roma o local da carta, o ponto de partida é a compreensão do sentido de “pretório”. Para esses, pretório seria o lugar da guarda de segurança do imperador, o ambiente do palácio imperial, e não o lugar do “pretor”. Essa má interpretação cria confusão para a contextualização do lugar e data da carta – sendo Roma o local da carta, a data seria 61 d.C.¹⁰⁴

¹⁰¹ MAZZAROLO, 2011, p. 22.

¹⁰² MAZZAROLO, 2011, p. 28.

¹⁰³ HAHN, 2018, p. 19.

¹⁰⁴ MAZZAROLO, 2011, p. 28-29.

Entretanto ainda restam dúvidas quando a autoria da carta ter sido em Roma. A presença de Timóteo e a carta aos Filipenses como a última carta de Paulo geram esta confusão. Timóteo é um grande referencial nas missões de Paulo, entretanto não é sabido que ele foi a Roma. Timóteo é patriarca da Igreja de Éfeso, e representante de Paulo nas Igrejas da Macedônia e Acaia, mas possivelmente não para Roma.¹⁰⁵

Éfeso: Para o teólogo F. F. Bruce a prisão da qual Paulo enviava as cartas à comunidade de Filipos “dificilmente poderia ter sido uma prisão efésia. Quando Paulo diz: “de maneira que as minhas cadeias, em Cristo, se tornaram conhecidas de toda a guarda pretoriana e de todos os demais” (Fl 1,13)”¹⁰⁶ pois “a palavra grega traduzida por “guarda pretoriana” é *praitorion*, emprestada do latim *praetorium*. Se Paulo usa uma palavra emprestada, a ideia é que ela detém um sentido técnico”.¹⁰⁷ Ou seja, é “possível que Paulo não tenha feito uma distinção técnica entre guarda imperial e guarda senatorial, isto é, ele estava num cárcere cujo poder e guarda eram romanos”.¹⁰⁸

Éfeso é a metrópole da gnose, das primeiras heresias e do confucionismo filosófico teológico. Éfeso é uma metrópole do helenismo, de todo o desenvolvimento filosófico, matemático, astronômico e científico da Época. Em Roma se discutia política, direito, arte e estratégias econômicas, para sustentar as mordomias senatoriais e militares, mais do que filosofia e religião – sendo Éfeso, a data é entre 53-57.¹⁰⁹

Cesaréia: é uma possibilidade não tão aceita, mas que gera dúvidas quanto a sua compatibilidade diante da apresentação de certos elementos. Alguns, “favorecendo a teoria da redação em Cesaréia, conectam a denúncia acerca da circuncisão (Fl 3,2-16) com hostilidade que os Judeus demonstravam para com Paulo no seu aprisionamento em Cesaréia (At 24,1; 25,7)”¹¹⁰ Entretanto o capítulo três da carta aos Filipenses não destinada diretamente aos judeus que odeiam Cristo, antes é dirigida aos

¹⁰⁵ MAZZAROLO, 2011, p. 33.

¹⁰⁶ BRUCE, 1992, p. 22.

¹⁰⁷ BRUCE, 1992, p. 22.

¹⁰⁸ MAZZAROLO, 2011, p. 30.

¹⁰⁹ HENDRIKSEN, 1992, p. 41.

¹¹⁰ HENDRIKSEN, 1992, p. 42.

judaizantes, judeus convertidos que se encontravam ainda muito ligados ao ritual mosaico.

Quando Paulo foi preso, em Jerusalém, devido às disputas com os judeus, foi levado para Afec, na Cesaréia, junto à casa do governador (At 22,30-26,32). O Apóstolo não apenas teve que responder a sucessivos inquéritos diante das autoridades romanas, como também acompanhou a troca de governadores, e nos dois anos que passou preso esperando sua ida para Roma, pode ter aproveitado para evangelizar os guardas – *sendo Cesaréia, a data é 59-60*.¹¹¹

2.5 UMA CARTA, TRÊS BILHETES

Muito provavelmente a carta aos Filipenses que nos é disponível hoje no cânon bíblico não seja apenas uma carta, mas uma coleção de cartas. Existem nuances que se apresentam que levam comentadores a afirmar a existência de tempo e local distintos para a redação dos diferentes bilhetes.

Primeiramente temos uma mudança brusca no início do capítulo terceiro. Logo no primeiro versículo existe uma motivação paulina à comunidade para que se alegrem no Senhor: “Finalmente, irmãos, regozijai-vos no Senhor”.¹¹² Contudo o tom carinhoso que se é apresentado muda repentinamente para uma “dura polêmica com os adversários, chamando-os de cães, maus operários e falsos circuncidados”.¹¹³

Uma segunda característica que aparece é a perícopes de Fl 4,10-20. Neste trecho Paulo faz um belo agradecimento pelos donativos recebidos da comunidade de Filipos. Sendo um agradecimento tão belo, não se compreende o motivo de estar colocado apenas ao final da carta, tendo em vistas que seria mais correto estar no início da carta, pelo seu valor e entusiasmos escritos. Nesta hipótese apresenta-se a possibilidade de Fl 4,10-20 ser um bilhete curto escrito logo após o recebimento dos donativos e em forma de agradecimento que posteriormente foi agregado as demais cartas.¹¹⁴

¹¹¹ MAZZAROLO, 2011, p. 32.

¹¹² Fl 3,1.

¹¹³ ROSSI, 2002, p. 19-20.

¹¹⁴ LÉGASSE, 1984, p. 9-10.

Neste sentido temos aqui a compilação de três cartas independentes: a primeira carta de agradecimento composta de Fl 4,10-20. Uma segunda carta posterior a primeira composta de Fl 1,1-3,1a e 4,2-7.21-23. E por fim a última carta constituída por Fl 3,1b-4,1 e 4,8-9.¹¹⁵

Os argumentos contra a unidade do escrito paulino parece-nos suficientemente fortes para que se conceda a preferência à tese da coleção de cartas. [...] A nossa opção, portanto é em favor da hipótese de três cartas, reunidas numa só por um redator. Deve-se, porém, reconhecer objetivamente a dificuldade para se identificar os critérios seguidos no processo redacional de união e para se explicar por que ele foi feito por meio de inserção.¹¹⁶

¹¹⁵ LÉGASSE, 1984, p. 10.

¹¹⁶ BARBAGLIO, 1991, p. 350.

3 A ALEGRIA NO SOFRIMENTO

A busca incessante pela alegria, a qualquer custo, é uma tendência que permeia a sociedade contemporânea. Movidos pela busca por prazer e satisfação imediata, muitos indivíduos se entregam a uma permanente procura por experiências e situações que lhes proporcionem alegria efêmera. Nesse contexto, a sociedade valoriza e exalta a felicidade como um objetivo supremo, relegando a segundo plano aspectos como o equilíbrio emocional, a introspecção, a busca por um sentido mais profundo na vida e o transcendente. Essa busca desenfreada pela alegria muitas vezes acaba se tornando uma armadilha, pois quando as expectativas não são atendidas, a sensação de vazio e frustração se instala.

O grande risco do mundo atual, com sua múltipla e avassaladora oferta de consumo, é uma tristeza individualista que brota do coração comodista e mesquinho, da busca desordenada de prazeres superficiais, da consciência isolada. Quando a vida interior se fecha nos próprios interesses deixa de haver espaço para os outros, já não entram os pobres, já não se ouve a voz de Deus, já não se goza da doce alegria do seu amor.¹¹⁷

O tema da alegria nos escritos paulinos não é novidade. É possível verificar em vários de seus escritos o chamado ou a motivação à alegrar-se. Pode se chegar a afirmar que para Paulo o cristianismo era a “religião da alegria”.¹¹⁸ “Das 326 ocorrências das palavras que indicam a alegria no NT, 131 encontram-se nas 10 cartas que costumam ser atribuídas a Paulo, [...] é bem possível considerar Paulo o teólogo da alegria”.¹¹⁹

A alegria é a disposição mais profunda do cristão. O seu motivo é o conjunto da obra de Deus, tudo o que Cristo está fazendo. De modo particular, a alegria procede da confiança no futuro. Pois os cristãos sabem que o seu futuro será glorioso e será uma vitória total.¹²⁰

¹¹⁷ FRANCISCO. **Exortação apostólica *Evangelii Gaudium***: sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Loyola, 2013. p. 3-4; EG 2.

¹¹⁸ HAWTHONE, 2008, p. 45.

¹¹⁹ HAWTHONE, 2008, p. 46.

¹²⁰ LÉGASSE, 1984, p. 58.

Desde o início da epístola aos Filipenses Paulo trabalha o tema da alegria e o repete em especial. Apesar de seu cativo e da perspectiva de um possível martírio, Paulo não somente transborda de alegria¹²¹, mas que, igual aos cristãos de Roma¹²², ou Corinto¹²³ Ihes pede que se alegrem com ele¹²⁴.

A insistência de Paulo neste tema pode se dar ao fato dele ser um prisioneiro e encontrar-se em cárcere enquanto redige a carta. Como prisioneiro e num ambiente de sofrimento ele está pressentindo a proximidade de sua morte tendendo a buscar com mais ânsia esta alegria. Neste contexto o autor da epístola se alegra com toda a sua experiência e pede que os seus destinatários façam o mesmo que ele.¹²⁵

Paulo não gostava de sofrer, mas encarava o sofrimento de outro modo, a saber, da perspectiva do discipulado. Ou seja, para ele, sofrer era seguir nos caminhos de Cristo, que sofreu antes de entrar em sua glória e que, por meio do sofrimento, redimiu o povo de Deus. Por isso, Paulo está disposto não somente a sofrer por amor de Cristo e, assim, igualmente pela igreja, mas também se regozijar-se no sofrimento, uma vez que isso lhe confirmava a realidade de seu discipulado.¹²⁶

Para Paulo, estes sofrimentos externos eram motivo de alegria, pois tendem a ser fatores de progresso moral e espiritual para os cristãos. Entretanto é na epístola ao Filipenses que este grande celebrar no meio dos sofrimentos chega a seu auge na teologia Paulina. Apesar de todas as dificuldades percorridas o autor ainda assim “se alegra no Senhor” e se regozija no trabalho desenvolvido pelo seu Senhor. Quando a carta se dirige ao seu término o apóstolo dos gentios afirma “Finalmente irmãos, regozijai-vos no Senhor”¹²⁷ e posteriormente começa, mais uma vez, a dar os motivos de sua alegria no Senhor.¹²⁸

¹²¹ Fl 1,4.18; 2,17 ;4,1.10.

¹²² Rm 12,12.

¹²³ 2Cor 13,11.

¹²⁴ Fl 2,18.28; 3,1; 4,4.

¹²⁵ MAZZAROLO, 2011, p. 161.

¹²⁶ FEE, Gordon D. Paulo. **O Espírito e o povo de Deus**. São Paulo: Vida Nova, 2015. p. 100.

¹²⁷ Fl 3,1.

¹²⁸ HAWTHONE, 2008, p. 45.

A alegria é um tema central nesta carta, pois se revela como uma pedagogia poderosa em tempos de aflição e angústia. Ela se apresenta como um elemento capaz de resgatar energias e forças, conferindo coragem ao corpo e renovando o espírito. A alegria é capaz de florescer mesmo em meio às circunstâncias mais sombrias, encontrando vida no meio daquilo que aparenta ser inerte e sem vida. Sua presença é revigorante, trazendo leveza e brilho às situações mais opressivas. Ela se manifesta como um bálsamo para a alma, possibilitando a superação das adversidades e instigando a resiliência. Através da alegria, as dificuldades são enfrentadas com um novo olhar, repleto de esperança e ânimo. Ela é capaz de transmitir uma energia transformadora, irradiando positividade e contagiando todos ao redor. A alegria se revela como uma dádiva preciosa que revigora e ilumina, permitindo que mesmo nas situações mais desafiadoras se encontre um motivo para sorrir e celebrar a vida.¹²⁹

Neste sentido se buscar-se-á compreender como esta alegria vivida e proposta por Paulo pode ser experienciada nos dias de hoje, mesmo diante de inúmeras realidades sofridas que se apresentam.

3.1 ALEGRIA NO SENHOR

A alegria proposta por Paulo não é diretamente ligada as coisas terrenas, pois tem sua fonte no próprio Cristo. Os amantes sustentam seu amor enquanto se amam, e é assim também a relação com Cristo. O Cristão vive esta alegria de Cristo enquanto está unido a Ele.

Na epístola, esta intimidade com Cristo está expressa muitas vezes com a fórmula “em Cristo”, “em Cristo Jesus”, “no Senhor”. A exemplo de Paulo, que somente em Cristo põe sua glória¹³⁰ e sua esperança¹³¹, os filipenses “estão em Cristo Jesus”¹³². “Em Cristo” ou “no Senhor” é que tem que resistir¹³³, acolher os irmãos¹³⁴, viver na boa harmonia¹³⁵, alegrar-se¹³⁶, anunciar o evangelho¹³⁷, receber a paz e os demais dons de Deus¹³⁸.

¹²⁹ MAZZAROLO, 2011, p. 61.

¹³⁰ Fl 1,26.

¹³¹ Fl 2,24.

¹³² Fl 1,1.

¹³³ Fl 4,1.

¹³⁴ Fl 2,29.

¹³⁵ Fl 4,2.

¹³⁶ Fl 3,1; 4,4.

¹³⁷ Fl 4,14.

¹³⁸ Fl 4,1;4,19.

Esta alegria é um dom do Espírito¹³⁹ e não consequência de algo externo e passageiro. O sentido de alegria é mais profundo que felicidade pois esta é circunstancial e depende de acontecimentos. As circunstâncias que estão envoltas na realidade de Paulo são desagradáveis, mas o apóstolo se alegra e tira força no Senhor. Esta é a alegria prometida por Cristo (Jo 15.11).¹⁴⁰

O segredo é que ela não é uma alegria baseada nas circunstâncias da vida, não em coisas terrenas, não em coisas dos homens. A alegria está baseada em Deus, é uma alegria que vem de Deus, vem de dentro do coração, não das circunstâncias terrenas. Por isso, Paulo tinha a mesma perspectiva de Davi, que dizia: “Somente em Deus, ó minha alma, espera silenciosa, porque dele vem a minha esperança” (Sl 62.5).¹⁴¹

Quando olhamos para a vida de Nosso Senhor Jesus Cristo podemos observar como, com a sua encarnação, Ele mesmo já pode viver as alegrias humanas simples do cotidiano. Jesus admira as aves do céu e os lírios do campo¹⁴², exalta a alegria do homem que encontra o tesouro escondido¹⁴³, rejubila-se com o pastor que encontra a ovelha perdida¹⁴⁴, partilha a alegria como a mulher que encontra a dracma perdida¹⁴⁵. Para Jesus estas alegrias humanas são sinais próprios de alegrias espirituais do Reino de Deus. O Senhor, por ter “participado em tudo da nossa condição

¹³⁹ São Paulo apresenta a alegria como um dom do Espírito Santo: “os *frutos* do Espírito são perfeições que o Espírito Santo forma em nós como primícias da glória eterna. A tradição da Igreja enumera doze: ‘caridade, alegria, paz, paciência, longanimidade, bondade, benignidade, mansidão, fidelidade, modéstia, continência e castidade’ (Gl 5,22-23 vulg.)” (CATECISMO, 2000, p. 493; CIGC 1832.)

¹⁴⁰ TAYLOR, Richard S., et. al. **Comentário Bíblico**: Beacon. v. 9. Trad. Valdemar Kroker e Haroldo Janzen. Rio de Janeiro: CPAD. 2006. p. 236.

¹⁴¹ ALMEIDA, Alcindo. **Alegria Verdadeira**. São Paulo: Fôlego. 2010. p. 100.

¹⁴² Mt 6,26-28.

¹⁴³ Mt 13,44.

¹⁴⁴ Lc 15,4-5.

¹⁴⁵ Lc 5,8-9.

humana, menos no pecado”¹⁴⁶ verdadeiramente vivenciou as alegrias afetivas e espirituais como um dom de Deus.¹⁴⁷

Por isso os cristãos são chamados a uma participação especial nesta alegria de Cristo. O discípulo deve viver a plena alegria oferecida pelo mestre, pois é um desejo do próprio mestre partilhar esta alegria: “Disse-vos estas coisas para que a minha alegria esteja em vós, e a vossa alegria seja completa”.¹⁴⁸

São João Crisóstomo, em uma de suas homilias, comentando a passagem de Fl 4,4 afirma:

Estimula-os e mostra-lhes que aquele que está em Deus tem sempre motivo de alegrar-se. Se sofre tribulação, ou padece algo, sempre se alegra. Escuta o que Lucas narra sobre os apóstolos: “Quanto a eles, deixaram o Sinédrio, muito alegres de terem sido julgados dignos de sofrer ultrajes pelo Nome” (At 5,41). Se flagelos e algemas, que parecem as coisas mais dolorosas de todas produzem alegria, o que pode causar-nos tristeza? “Repito: Alegrai-vos!” Com razão repete a palavra. Desde que o evento por natureza acarreta tribulação, ele manifesta com a repetição que em todas as circunstâncias importa alegrar-se.¹⁴⁹

Entretanto esta alegria concedida por Cristo só é possível ao longo de um caminho íngreme que solicita total confiança n’Ele e no Pai pois se trata de uma realidade exigente de paixão, morte e ressurreição. Este é o grande paradoxo da condição cristã de alegria apresentada por Paulo: não são excluídos os sofrimentos e as provações da vida dos que creem, mas estas realidades adquirem um novo significado quando vistas com participação na redenção do Senhor, isto é, esta alegria pascal é a presença real e efetiva de Cristo ressuscitado dispensando o seu Espírito para que neles habite.¹⁵⁰

¹⁴⁶ Hb 4,15.

¹⁴⁷ PAULO VI. **Exortação apostólica *Gaudete in Domino***: sobre a alegria cristã. Vaticano: 1975^a. Não paginado. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/paul-vi/es/apostexhortations/documents/hf_p-vi_exh_19750509_gaudete-in-domino.html>. Acesso em: 02 mai. 2023. GD. 23.

¹⁴⁸ Jo 15,11.

¹⁴⁹ CRISÓSTOMO. *Comentário às Cartas de São Paulo*: Paulus. 2014. p. 272.

¹⁵⁰ PAULO VI, 1975a, não paginado; GD 28-29.

A morte e ressurreição de Cristo é o próprio local onde os cristãos existem, agem e sentem. Sendo assim não se pode afirmar que a base da alegria cristã é um otimismo barato, mas a plena consciência e participação na vida própria de Cristo. Neste sentido é correto afirmar que as adversidades da vida são o local histórico desta íntima unidade e comunhão, elas podem ser enfrentadas apesar dos seus sofrimentos. A realidade de *via crucis* vivida pelo cristão é uma participação íntima na *via crucis* vivida por Nosso Senhor Jesus Cristo, justamente por isso é cheia de significados positivos, ou seja, da verdadeira vida que nasce da morte e neste sentido, é real a possibilidade de percorrer, esta *via crucis*, com alegria.¹⁵¹

“Tenho sido alcançado por Cristo”,¹⁵² Paulo deseja ardentemente deixar esta vida terrena para unir-se definitivamente com seu Senhor.¹⁵³ Mas, por enquanto prossegue sua carreira.¹⁵⁴ Para ele, nada tem valor fora daquilo por quem se tem sacrificado tudo e a quem se quer ganhar a todo custo.¹⁵⁵ Não importa viver ou morrer visto quem de todos os modos, Cristo será glorificado.¹⁵⁶ Enfrenta-se as provações com uma grande segurança, porque tudo pode “graças aquele que o fortalece”¹⁵⁷. Está disposto a derramar seu sangue como libação,¹⁵⁸ a viver o mistério pascal de Jesus, ou melhor, a “reproduzir com ele sua morte para alcançar a ressurreição dentre os mortos”¹⁵⁹. Com inteira confiança espera os céus “ao Senhor Jesus, que transformará a beleza de nosso ser reproduzindo em nós o esplendor de si”.¹⁶⁰

São Paulo VI, exímio pontífice e grande expoente do Concílio Vaticano II, em sua exortação apostólica *Gaudete in Domino*, que fala sobre a alegria cristã, nos apresenta quatro exemplos concretos de pessoas que, assim com Paulo, viveram esta alegria no Senhor.

O primeiro exemplo é a Bem-aventurada Virgem Maria que apresenta sua alegria à sua prima Isabel entoando o *magnificat*: “A minha alma glorifica o Senhor, meu espírito exulta de alegria em Deus, meu

¹⁵¹ BARBAGLIO, 1991, p. 387.

¹⁵² Fl 3,12.

¹⁵³ Fl 1,23.

¹⁵⁴ Fl 3,12-14.

¹⁵⁵ Fl 3,7-8.

¹⁵⁶ Fl 1,20.

¹⁵⁷ Fl 4,13.

¹⁵⁸ Fl 2,12.

¹⁵⁹ Fl 3,10-11.

¹⁶⁰ Fl 3,21.

Salvador.¹⁶¹ Mesmo sem ser isenta de sofrimentos, pois estava diante da cruz¹⁶², Maria se abre à alegria e a força da ressurreição de Cristo.¹⁶³

O segundo exemplo é de São Francisco de Assis, que busca viver a alegria da santa pobreza e mesmo vivendo seus sofrimentos hodiernos entoou o grande *Canto das Criaturas* e se alegra com a proximidade da irmã morte.¹⁶⁴

Santa Terezinha do Menino Jesus é a terceira figura a ser apresentada por São Paulo VI. Confiando a sua pequenez nas mãos de Deus mostra a todos como percorrer a alegria da pequena via sempre contando com a providência divina. Vale ressaltar que mesmo com todo o seu empenho, não deixou de viver o sentimento de ausência de Deus.¹⁶⁵

Por fim o sumo pontífice traz o exemplo de São Maximiliano Maria Kolbe, que diante das realidades mais sangrentas de nossos tempos, isto é, a segunda guerra mundial e o campo de concentração de Auschwitz, se oferece em martírio para salvar um homem desconhecido. Com seu exemplo de alegria e paz transformou as realidades deploráveis que os cercavam em verdadeiro prelúdio de vida eterna.¹⁶⁶

3.2 ALEGRIA NO ANÚNCIO DO EVANGELHO

Outro ponto forte sobre a alegria na epistola aos Filipenses é a alegria vivida por Paulo devido ao anúncio do Evangelho:

Quero que saibais, irmãos, que o que me aconteceu redundou em progresso do evangelho: as minhas prisões se tornaram conhecidas em Cristo por todo o Pretório e por toda parte, e a maioria dos irmãos, encorajados no Senhor pelas minhas prisões, proclamam a Palavra com mais ousadia e sem temor. É verdade que alguns anunciam o Cristo por inveja e porfia, e outros por boa vontade: estes por amor proclamam a Cristo, sabendo que fui posto para defesa do evangelho, e aqueles por rivalidade, não sinceramente, julgando com isso acrescentar sofrimento às minhas prisões. Mas que importa? De qualquer maneira — ou com segundas

¹⁶¹ Lc 1,46-47.

¹⁶² Jo 19,25.

¹⁶³ PAULO VI, 1975a, não paginado; GD 34.

¹⁶⁴ PAULO VI, 1975a, não paginado; GD 39.

¹⁶⁵ PAULO VI, 1975a, não paginado; GD 40.

¹⁶⁶ PAULO VI, 1975a, não paginado; GD 41.

intenções ou sinceramente — Cristo é proclamado, e com isso eu me regozijo.¹⁶⁷

Mesmo no sofrimento da prisão o Apóstolo vê nisso proveito para o anúncio do Evangelho, e afirma que tudo isso traz mais força para alguns proclamarem a Palavra com mais ousadia e sem temor. Esta alegria pode ser entendida pois, na perspectiva de Paulo, a sua prisão contribui para o aumento do Evangelho e para que Cristo seja glorificado indiferente do Apóstolo ser ou não liberto de sua prisão.¹⁶⁸

“Mas que importa?”¹⁶⁹ não é apenas um questionamento, antes é uma escala de valor na vida apostólica de Paulo. Ver Cristo proclamado é o que realmente dava sentido a vida do apóstolo. Também aqui é um chamado para que a comunidade se volte para o quer era de mais fundamental e importante.¹⁷⁰

Compreende-se neste ponto que para Paulo o anúncio superficial do Evangelho é melhor que um embate, pois mesmo aqueles que anunciam o Evangelho de forma deformada, continuam a anunciar Cristo. Paulo tem uma serenidade em se alegrar pois seu objetivo é propagação do Evangelho, e isto está acontecendo, seja por aqueles que continuam a sua labuta apostólica, seja por aqueles que se opõe ao seu apostolado.¹⁷¹

A mensagem do Evangelho é muito mais importante que o evangelizador. Sem dúvida nenhuma, Paulo tornou insignificante os motivos que o colocavam em confronto com os seus rivais. É preciso aqui destacar que estes rivais não eram “heréticos”¹⁷² e sim rivais pessoais do apóstolo que não atacavam diretamente o cerne do Evangelho.¹⁷³

O Papa Francisco, em sua exortação apostólica *Evangelii Gaudium*, se referindo a alegria de evangelizar, afirma que o “bem sempre

¹⁶⁷ Fl 1,12-18.

¹⁶⁸ HENDRIKSEN, 1992, p. 103.

¹⁶⁹ Fl 1,18.

¹⁷⁰ ALMEIDA, Fábio P. M. de; SANT’ANNA, Élcio. Um, no meio de todos: um estudo de Filipenses 1,18-26. **Estudos Bíblicos**. São Paulo, v. 27, n. 108, p. 26-31. 2009. p. 8 e 29. Disponível em: <<https://revista.abib.org.br/EB/article/view/488>> Acesso em: 10 mai. 2023.

¹⁷¹ MAZZAROLO, 2011, p. 61.

¹⁷² Na carta aos Filipenses, a “reação de Paulo contra os que lhe suscitavam dificuldades é muitíssimo diferente da anátema que ele invocou sobre aqueles agitadores, vários anos antes, que haviam invadido as Igrejas da Galácia e ensinavam a seus neo-convertidos ‘outro evangelho, diferente daquele que haviam ouvido da parte dele mesmo’.” (BRUCE, 1992, p. 56)

¹⁷³ BARBAGLIO, 1991, p. 368.

tende a comunicar-se”¹⁷⁴ e que “quando a Igreja faz um apelo ao compromisso evangelizador, não faz mais do que indicar aos cristãos o verdadeiro dinamismo da realização pessoal”.¹⁷⁵

...conservemos a suave e reconfortante alegria de evangelizar, mesmo quando for preciso semear com lágrimas! [...] Que isto constitua, ainda, a grande alegria das nossas vidas consagradas. E que o mundo do nosso tempo que procura, ora na angústia, ora com esperança, possa receber a Boa Nova dos lábios, não de evangelizadores tristes e descoroçados, impacientes ou ansiosos, mas sim de ministros do Evangelho cuja vida irradie fervor, pois foram quem recebeu primeiro em si a alegria de Cristo, e são aqueles que aceitaram arriscar a sua própria vida para que o reino seja anunciado e a Igreja seja implantada no meio do mundo.¹⁷⁶

3.3 ALEGRIA NA SOLIDARIEDADE

A solidariedade é um ponto forte na epístola aos Filipenses. O Apóstolo convida a cada um não se julgar superior aos outros¹⁷⁷ e viver em humildade. Este convite é seguido pelo hino cristológico que demonstra o rebaixamento feito por Jesus, que “não usou do seu direito de ser tratado como um deus”¹⁷⁸ mas foi “obediente até a morte, à morte sobre uma cruz”¹⁷⁹. Sendo assim Paulo apresenta o próprio Cristo como modelo mais solidário de todos.

Paulo sempre foi muito grato a solidariedade dos Filipenses, visto que agradece muitas vezes em sua carta por tamanha generosidade. As ajudas se repetiram algumas vezes entre a comunidade e seu fundador, pois isto é visto quando Paulo afirma “já em Tessalônica mais uma vez

¹⁷⁴ FRANCISCO, 2013, p. 10; EG 9.

¹⁷⁵ FRANCISCO, 2013, p. 10; EG 10.

¹⁷⁶ PAULO VI. **Exortação apostólica Evangelii Nuntiandi**: sobre a evangelização no mundo contemporâneo. Vaticano, 1975b. Não paginado. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost_exhortations/documents/hf_p-vi_exh_19751208_evangelii-nuntiandi.html>. Acesso em: 02 mai. 2023. EN 80.

¹⁷⁷ Fl 2,3.

¹⁷⁸ Fl 2,6.

¹⁷⁹ Fl 2,8.

vós me enviastes com o que suprir às minhas necessidades”¹⁸⁰. Contudo é de se estranhar, quando olhamos o corpus paulino de suas cartas, podemos não entender o agradecimento de Paulo pela generosidade, tendo em vista que em outras registros ele nega ajuda de outras comunidades. Este pode ser uma característica que para com Filipos, Paulo tinha um maior afeto.¹⁸¹

É muito provável que a diferença de atitudes tenha sido influenciada pela diferença de relacionamento que mantinha com a Igreja de Filipos e com a de Corinto. De qualquer modo, é certo que agora ele entende a ajuda como uma questão de comunhão entre apóstolo e comunidade. O presente material dos filipenses só é aceito nesta perspectiva.¹⁸²

O zelo da comunidade não era apenas em bens materiais, mas se fazia presente também com o envio de pessoas para acompanhar Paulo em seus sofrimentos. Epafrodito, além de ser aquele destinado a levar os bens materiais a Paulo, permanece com o Apóstolo e busca colaborar com ele em todas as suas necessidades.¹⁸³ Timóteo por sua vez é visto com afeto paternal quanto à ajuda solidária: “Quanto a ele, vós sabeis que prova deu: como filho ao lado do pai, ele serviu comigo à causa do Evangelho”.¹⁸⁴

O compêndio da Doutrina Social da Igreja nos apresenta a solidariedade como necessária para a sociabilidade e desenvolvimento de todos os povos, sendo todos pertencentes a uma única família do gênero humano:

A mensagem da doutrina social acerca da solidariedade põe de realce a existência de estreitos vínculos entre solidariedade e bem comum, solidariedade e destinação universal dos bens, solidariedade e igualdade entre os homens e os povos, solidariedade e paz no mundo. O termo solidariedade, amplamente empregado pelo

¹⁸⁰ Fl 4,16.

¹⁸¹ LISBÔA, Célia Maria Patriarca. Filipos, mulheres e solidariedade. **Estudos Bíblicos**. São Paulo, v. 27, n. 102. p. 70 – 76. 2009. p. 4. Disponível em: <<https://revista.abib.org.br/EB/article/view/493>> Acesso em: 10 mai. 2023.

¹⁸² BARBAGLIO, 1991, p. 350.

¹⁸³ ROSSI, 2002, p. 33.

¹⁸⁴ Fl 2,22.

Magistério, exprime em síntese a exigência de reconhecer, no conjunto dos liames que unem os homens e os grupos sociais entre si, o espaço oferecido à liberdade humana para prover ao crescimento comum, de que todos partilhem.¹⁸⁵

É necessário aqui salientar que a verdadeira alegria em viver a solidariedade passa pela aceitação da necessidade de Deus. Assim como para os filipenses Paulo coloca o modelo humilde de Jesus, o Papa Francisco apresenta a necessidade do reconhecimento de Deus para o desenvolvimento humano:

... sabemos que tornar Deus presente é um bem para as nossas sociedades. Buscar a Deus com coração sincero, desde que não o ofusquemos com os nossos interesses ideológicos ou instrumentais, ajuda-nos a reconhecer-nos como companheiros de estrada, verdadeiramente irmãos.¹⁸⁶

E para complementar, podemos citar João Paulo II:

À luz da fé, a solidariedade tende a superar-se a si mesma, a revestir as dimensões especificamente cristãs da gratuidade total, do perdão e da reconciliação. O próximo, então, não é só um ser humano com os seus direitos e a sua igualdade fundamental em relação a todos os demais; mas torna-se a imagem viva de Deus Pai, resgatada pelo sangue de Jesus Cristo e tornada objecto da acção permanente do Espírito Santo. Por isso, ele deve ser amado, ainda que seja inimigo, com o mesmo amor com que o ama o Senhor; e é preciso estarmos dispostos ao sacrifício por ele, mesmo ao sacrifício

¹⁸⁵ IGREJA CATÓLICA. **Compêndio da doutrina social da Igreja**. Vaticano. 2004. Não paginado. Disponível em: <https://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/justpeace/documents/rc_pc_justpeace_doc_20060526_compendio-dott-soc_po.html>. Acesso em: 02 mai. 2023. CDSI 194

¹⁸⁶ FRANCISCO. **Carta encíclica *Fratelli Tutti***. Vaticano: 2020. Não paginado; FT 274. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20201003_enciclica-fratelli-tutti.html>

supremo: dar a vida pelos próprios irmãos (cf. 1 Jo 3, 16).¹⁸⁷

Em suma podemos afirmar que existe uma alegria real em exercer a solidariedade. Quando desenvolvemos esta gratuidade somos capazes de sair de nós mesmos superando nossos sofrimentos e nos colocando a serviço dos nossos irmãos e irmãs. Além disso, ao experimentar a alegria de servir e cuidar uns dos outros, fortalecemos os laços de solidariedade e criamos uma comunidade que se apoia mutuamente.

3.4 ALEGRIA NA PARUSIA

A Parusia, ou “dia de Cristo” como Paulo trabalha na carta aos Filipenses, é muito mencionada na literatura veterotestamentária profética e apocalíptica. Este tema pode ser tratado como o grande momento de alegria futura em que haverá uma intervenção direta de Deus a favor do povo.¹⁸⁸

Concretamente, Paulo reconhece na parusia o “dia” de Cristo, na medida em que assegura à Igreja de Corinto, por exemplo, que a vinda de Cristo será acompanhada da ressurreição, de sorte que todos os justos poderão participar de sua glória, mesmo os já falecidos (1Cor 15,23.52). Da mesma maneira, Paulo declara que mesmo os que não tiverem morrido antes da parusia serão, seguramente, transformados “na hora da última trombeta” (1Cor 15.51s; 1Ts 4,16).¹⁸⁹

O tema é mencionado na epístola ao Filipenses logo no início quando o apóstolo afirma: “...e tenho plena certeza de que aquele que começou em vós a boa obra há de levá-la à perfeição até o dia de Cristo

¹⁸⁷ JOÃO PAULO II. **Carta encíclica *Sollicitudo Rei Socialis***: pelo vigésimo aniversário da encíclica *Populorum Progressio*. Vaticano: 1987. Não paginado. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_30121987_sollicitudo-rei-socialis.html>. Acesso em: 02 mai. 2023. SRS 40.

¹⁸⁸ HAWTHONE, 2008, p. 466.

¹⁸⁹ LOBOSCO, Ricardo L. O “dia de Cristo” em Filipenses. **Estudos Bíblicos**. São Paulo, v. 27, n. 102, p. 18 – 25. 2009. p. 22. Disponível em: <<https://revista.abib.org.br/EB/article/view/487>>. Acesso em 15 jul. 2023.

Jesus”.¹⁹⁰ e posteriormente: “...a fim de poderdes discernir o que mais convém, para que sejais puros e irreprováveis no dia de Cristo”.¹⁹¹

Um dos grandes destaques aqui é que a vida reta da comunidade de Filipos gerava em Paulo não só um grande sentimento de gratidão, mas ia além, passava pela certeza de fé. O Apóstolo era confiante de que esta obra do anúncio do Evangelho iniciada no meio da comunidade e por ela aceita, teria sua grande concretude no dia de Cristo. Aqui aparece a fidelidade de Deus, pois ele assegura não só a existência da obra, mas todo o seu presente e futuro.¹⁹²

Paulo tem muitas dificuldades, como já apresentado antes, para anunciar o Evangelho. Contudo ele não duvida de que quem age no meio de todos é Deus. Essa verdade fundamental da ação de Deus no meio da comunidade é apresentada quando o apóstolo se diz convencido de que aquele que iniciou a obra no meio do povo (ou seja, Deus) por Jesus Cristo, permanece com ele e com a Igreja.¹⁹³

Este grande momento em que Deus levará a perfeição a boa obra começada é chamado por Paulo de dia de Cristo, pois neste dia ele será manifestado em glória e será recebido como o grande noivo por sua noiva, a Igreja.¹⁹⁴

É utilizado o nome de dia de Cristo com base no Antigo Testamento que afirmava sobre o “dia do Senhor”, que seria o dia em que Javé, o Deus de Israel, “reivindicaria sua justiça, eliminando toda injustiça, onde quer que fosse encontrada, em primeiro lugar e principalmente entre seu povo”.¹⁹⁵

Acima de tudo, o dia de Cristo Jesus é o dia em que a salvação dos crentes, já precipitada, será consumada. De maneira semelhante a seus irmãos e irmãs de Tessalônica (1Ts 1,10) [...] os crentes de Filipos haviam aprendido algo [...] a regozijar-se na “esperança da salvação”, porque haviam sido escolhidos não para receber a retribuição divina, que recairá sobre os iníquos, no final dos tempos,

¹⁹⁰ Fl 1,6.

¹⁹¹ Fl 1,10.

¹⁹² BARBAGLIO, 1991, p. 365.

¹⁹³ MAZZAROLO, 2011, p. 47.

¹⁹⁴ HENDRIKSEN, 1992, p. 84.

¹⁹⁵ BRUCE, 1992, p. 42.

mas para que “alcanças a salvação, por nosso Senhor Jesus Cristo” (1 Tessalonicenses 5:8,9).¹⁹⁶

Enquanto o dia de Cristo não chega, a grande obra de Deus que culminará na comunhão perfeita, não se consumará. Esta obra leva a todos aqueles que fizeram parte a se tornarem um só filho redimido e aperfeiçoado, formando como um grande santuário de Jesus.¹⁹⁷

A história é um contínuo processo de amadurecimento, no qual a humanidade evolui e se desenvolve ao longo do tempo. Da mesma forma, a Igreja encontra-se em constante processo de implantação, buscando se estabelecer e florescer em diferentes contextos e culturas. O Evangelho, por sua vez, trilha um caminho de inculturação, adaptando-se às realidades e linguagens de cada época, para que sua mensagem possa ser compreendida e vivida de forma autêntica. Esse processo de amadurecimento, implantação e inculturação é uma tarefa ininterrupta, que demanda o trabalho constante e dedicado dos anunciadores da Boa Nova. Eles são responsáveis por transmitir a mensagem do Evangelho, adaptando-a às necessidades e realidades do momento presente. Somente no dia da parusia, ou seja, no “dia de Cristo”, cessará o trabalho desses anunciadores.¹⁹⁸

¹⁹⁶ BRUCE, 1992, p. 42.

¹⁹⁷ HENDRIKSEN, 1992, p. 84.

¹⁹⁸ MAZZAROLO, 2011, p. 47.

!

CONCLUSÃO

Ao findar deste trabalho de conclusão de curso, pode-se afirmar que verdadeiramente é possível viver a alegria em meio aos sofrimentos, como proposto por São Paulo na Carta ao Filipenses. Com este mandado, e o seu próprio exemplo de vida, o apóstolo dos gentios animou a Igreja de Filipos e continua a animar todos aqueles que se identificam com seus ensinamentos. Com o fim último em Nosso Senhor Jesus Cristo, as quatro oportunidades apresentadas para se viver a verdadeira alegria, a saber: Alegria no Senhor, Alegria no anúncio do Evangelho, Alegria na Solidariedade e Alegria na Parusia; está ao alcance de todos aqueles que buscam ter um relacionamento íntimo com o Mestre.

A Alegria no Senhor é a central das quatro. Traz à tona que a Alegria não está diretamente ligada as coisas terrenas, imanes, que passam e se perdem. Antes, esta alegria vem do próprio Senhor, tendo sua fonte em Cristo Jesus. Todo aquele que se propõe a fazer um caminho de intimidade com o Nazareno é capaz de viver esta Alegria, pois observando a própria vida do Mestre e se aproximando dela, é convidado por Ele a participar desta Alegria plena.

Perpassando o anúncio de Evangelho, a Alegria de quem anuncia vem da certeza de que a mensagem proclamada é maior que todos os tipos de problemas possíveis. Assim como Paulo, que estava preso e com dúvidas sobre sua liberação, se alegrou que o Evangelho continuava a ser pregado, toda pessoa que se dispõe a anunciar a Boa Nova do Senhor é rodeada por esta mesma Boa Nova que impulsiona, direciona e dá novo sentido na vida.

A solidariedade é um dos temas fortes apresentados na epístola. Ela coloca uma relação de carinho e cuidado entre aqueles que a exercem, sendo de modo especial na carta, a relação entre Paulo e a própria comunidade. Ambos vivem suas realidades de sofrimento, mas não deixam de olhar para as necessidades uns dos outros. A solidariedade une a todos e traz à tona a filiação humana, filhos de um mesmo Pai, que sofrem e se alegram juntos. Quando o âmbito paulino de solidariedade é vivido, existe júbilo na alma.

Por fim, a quarta pista de Alegria apresentada é a Alegria na Parusia. A esperança que Paulo passa a comunidade é a certeza de que, apesar dos sofrimentos, das lutas, das perseguições, o Cristo, do qual brota toda a Alegria, retornará e deixará que todos se unam a Ele. Esta espera ativa dá movimento a vida daqueles que, mesmo nos sofrimentos, tem os olhos voltados para o infinito que é Jesus.

Duas observações se fazem necessárias ao se chegar as considerações finais desta pesquisa. A primeira é que não se buscou aqui contemplar todas as possibilidades de alegrar-se que são apresentadas na carta. Antes foi-se trabalhado com aqueles que mais se destacam e "saltam aos olhos" ao se meditar este tão belo documento. Ainda existem infinitas possibilidades de pesquisas a serem desenvolvidas, como por exemplo: "Quais outros temas estão diretamente ligados ao tema da Alegria na Epístola?", "Como fazer uma aplicação pastoral prática destes temas?", "Quais as situações de proximidade e diferença entre as possibilidades da vivência da alegria entre o contexto da carta e nossos dias?".

O segundo ponto é que não se deve entender esta exortação à Alegria como um novo mandamento ou uma sentença a alegrar-se em toda e qualquer hipótese, pois assim se perderia o sentido principal que é Nosso Senhor Jesus Cristo, e se acabaria caindo em um hedonismo sem sentido onde a busca pela alegria e por prazer a qualquer custo causaria muito mais sofrimentos que o real objetivo desejado.

Por fim, a presente pesquisa buscou contribuir para o debate do tema proposto e trazer luzes frente a tantas ofertas que são apresentadas nesta busca pela alegria.

!

REFERÊNCIAS

ABREU, Maria Célia de. **Depressão & maturidade**. Brasília: Plano, 2003.

ALMEIDA, Alcindo. **Alegria Verdadeira**. São Paulo: Fôlego. 2010.

ALMEIDA, Fábio P. M. de; SANT'ANNA, Élcio. Um, no meio de todos: um estudo de Filipenses 1,18-26. **Estudos Bíblicos**. São Paulo, v. 27, n. 108, p. 26 – 31. 2009.

ANDERSEN, Francis I. **Jó: introdução e comentário**. São Paulo: Vida Nova, 1984.

BARBAGLIO, Giuseppe. **As Cartas de Paulo II**. São Paulo: Loyola, 1991.

BARBET, Pierre. **A paixão de N. S. Jesus Cristo segundo o cirurgião**. Trad. Cônego José Alberto de Castro Pinto. Rio de Janeiro: Editora Santa Maria, 1954.

BARCLAY, William. **Filipenses**. Trad. Carlos Biagini. Glasgow, 1959.

BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.

BÍBLIA SAGRADA da Ave Maria. São Paulo: Ave Maria, 2013.

BOGGIO, Giovanni. **Jeremias: o testemunho de um mártir**. Trad. Irmã Isabel Fontes Leal Ferreira. São Paulo: Edições Paulinas, 1984.

BRUCE, F. F. **Filipenses: Novo comentário bíblico contemporâneo Filipenses**. Flórida: Vida, 1992.

CARSON, Donald. A. **Introdução o Novo Testamento**. Trad. Marcio Loureiro Redondo. São Paulo, Editora Vida Nova, 1997.

CASTILLO, Ana Regina. et. al. Transtorno de Ansiedade. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, Rio de Janeiro, v. 22, supl. 2, p. 20-23. Disponível em: < <https://doi.org/10.1590/S1516-44462000006000006>>. Acesso em: 25 mar. 2023.

CATECISMO da Igreja Católica. São Paulo: Loyola, 2000.

CRISÓSTOMO. **Comentário às Cartas de São Paulo**. São Paulo: Paulus. 2014.

DIAZ, J.L. Sicre; SCHOKEL, L. Alonso. **Profetas I**: grande comentário bíblico. Trad. Anacleto Alvarez. São Paulo: Paulinas, 1988.

DRANE, James F. **Alvío para o sofrimento e a depressão**: o papel da compreensão e da fé. São Paulo: Paulus, 2015.

FRANCISCO. **Carta encíclica Fratelli Tutti**. Vaticano: 2020.

_____. **Exortação apostólica Evangelii Gaudium**: sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Loyola, 2013.

_____. **Mensagem do Santo Padre Francisco para o VII dia mundial dos pobres**. Disponível em: <<https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/poveri/documents/20230613-messaggio-vii-giornatamondiale-poveri-2023.html>>. Acesso em 10 abr.

FRANKL, Viktor Emil. **Um sentido para a vida**: psicoterapia e humanismo. Trad. Victor Hugo Silveira Lapenta. Aparecida: Ideias & Letras, 2005.

HAHN, Scott; MITCH, Curtis; WALTERS, Dennis. **As Cartas de São Paulo aos Filipenses, aos Colossenses e a Filêmon**: Cadernos de estudo bíblico; Trad. de Lucas Cardoso. Campinas, São Paulo: Ecclesiae, 2018.

HAWTHONE, Gerald; MARTIN, Ralph; REID, Daniel. **Dicionário de Paulo e suas Cartas**. São Paulo: Vida Nova; Paulus; Edições Loyola, 2008.

HENDRIKSEN, W. **Filipenses**. Trad. Valter Graciano Martins. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1992.

IGREJA CATÓLICA. **Compêndio da doutrina social da Igreja**. Vaticano. 2004. Não paginado. Disponível em: <https://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/justpeace/doc

uments/rc_pc_justpeace_doc_20060526_compendio-dott-soc_po.html>. Acesso em: 02 mai. 2023.

JOÃO PAULO II. **Carta apostólica *Salvifici Doloris***. 11. ed. São Paulo: Paulinas, 2009.

_____. **Carta apostólica *Salvifici Doloris***. 11. ed. São Paulo: Paulinas, 2009.

_____. **Carta encíclica *Sollicitudo Rei Socialis***: pelo vigésimo aniversário da encíclica *Populorum Progressio*. Vaticano: 1987. Não paginado. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_30121987_sollicitudo-rei-socialis.html>. Acesso em: 02 mai. 2023.

LÉGASSE, Simon. **A Epístola aos Filipenses e a Epístola a Filêmon**. São Paulo: Paulinas, 1984.

LISBÔA, Célia Maria Patriarca. Filipos, mulheres e solidariedade. **Estudos Bíblicos**. São Paulo, v. 27, n. 102. p. 70-76. 2009.

LISBOA, Noeli Tejera; LIMA, Adriano Souza. A criação e o sentido do sofrimento no livro de Jó. **Caderno Intersaberes**, v. 11, n. 36, p. 81-97. 2022.

LOBOSCO, Ricardo L. O “dia de Cristo” em Filipenses. **Estudos Bíblicos**. São Paulo, v. 27, n. 102, p. 18 – 25. 2009.

LUZ, Fabíola. **A Depressão**. São Paulo: Paulus, 1994.

MACÊDO, Shirley. Sofrimento Psíquico e cuidado com universitários: reflexões e intervenções fenomenológicas. **Revista Ecos**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, p. 265-277. 2018.

MARTIN, Ralph P. **Filipenses**: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 1985.

MAZZAROLO, Isidoro. **Atos dos Apóstolos ou Evangelho do Espírito Santo**. Rio de Janeiro: Mazzarolo editor, 2014.

_____. **Carta de Paulo aos Filipenses**. 2. ed. Rio de Janeiro: Mazzarolo editor, 2011.

MONTEIRO, Carlos Augusto. A dimensão da pobreza, da desnutrição e da fome no Brasil. **Revista Estudos Avançados**, São Paulo. v. 17, n. 48, p. 7-20. 2003.

OLIVEIRA, Eduarda de Souza. A dádiva do sofrimento. **Revista Ensaios Teológicos**, Ijuí, v. 7, n.2, p. 152-160. 2021.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE; ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Depressão**. Brasília: OPAS; OMS, 2021.

_____. **Pandemia de Covid-19 desencadeia aumento de 25% na prevalência da ansiedade e depressão em todo o mundo**. Brasília: OPAS; OMS, 2021.

MAPA da nova pobreza: Estudo revela que 29,6% dos brasileiros têm renda familiar inferior a R\$ 497 mensais. **Portal FGV**, Rio de Janeiro, 18 jul. 2022.

PAULO VI. Exortação apostólica **Evangelii Nuntiandi**: sobre a evangelização no mundo contemporâneo. Vaticano: 1975. Não paginado. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost_exhortations/documents/hf_p-vi_exh_19751208_evangelii-nuntiandi.html>. Acesso em: 02 mai. 2023.

_____. **Exortação apostólica Gaudete in Domino**: sobre a alegria cristã. Vaticano: 1975. Não paginado. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/paulvi/es/apostexhortations/documents/hf_p-vi_exh_19750509_gaudete-in-domino.html>. Acesso em: 02 mai. 2023.

PERONDI, Ildo; ROSSI, Luiz A. S. **Paulo**: agente de pastoral e semeador de comunidades. São Paulo: Paulus, 2019.

PIRES, Danilo Chaves. A angústia como propiciadora de um encontro com o eu autêntico na ótica reflexiva de Søren Aabye Kierkegaard. **Revista de Magistro de Filosofia**. Anápolis, ano V, n. 9. 2012. Disponível em: < <https://catolicadeanapolis.edu.br/revistamagistro/wp-content/uploads/2013/05/A-AG%C3%83%C5%A1STIA-COMO-PROPICIADORA-DE-UM-ENCONTRO-COM-O-EU->

AUT% C3% 83% C5% A0NTICO-NA-% C3% 83% E2% 80% 9CTICA-REFLEXIVA-DE-S% C3% 83% E2% 80% 93REN-KIERKEGAARD.pdf >. Acesso em: 9 mar. 2023.

POBREZA e desigualdade no Brasil: pandemia complica velhos problemas e gera novos desafios para população vulnerável. **The World Bank**. Brasília, 14 jul. 2022.

RAFAEL, Ricardo de Mattos Russo, et. al. Sofrimento psíquico na pandemia de COVID-19: prevalência e fatores associados em uma faculdade de enfermagem. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Rio de Janeiro, v. 74, p. 1 – 8. Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/reben/a/PKRT69gJ9qqVmw3dsRnBFCp/?lang=pt> >. Acesso em: 10 abr. 2023.

RAMOS, Wagner Ferreira. "**Transtorno de Ansiedade**". 54 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação), Curso de Acumputura, Faculdade Ebramec, São Paulo - SP, 2015.

ROSSI, Luiz Alexandre Solano (Org.); SILVA, Valmor da (Org.). **Sofrimento e esperança na Bíblia**. São Paulo: Paulus, 2021.

_____, Luiz Alexandre Solano. **Como ler o livro de Jeremias**: profecia a serviço do povo. São Paulo: Paulus, 2002.

SANTOS, Jefferson André. "**Em Jesus, pensar o Deus da Esperança apesar do Sofrimento e do Mal**". 50 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação), Teologia, PUC-SP, São Paulo – SP, 2018.

SANTOS, Pedro Carlos Ferreira. **A atualidade do conceito de angústia de Kierkegaard**. 2012.

SILVA, Jadson Teles. Liberdade e Angústia em O Conceito de Angústia de Kierkegaard. **Inquietude**, Trindade, vol. 3, n. 2. 2012.

TAYLOR, Richard S., et. al. **Comentário Bíblico**: Beacon. v. 9. Trad. Valdemar Kroker e Haroldo Janzen. Rio de Janeiro: CPAD. 2006.

UNITED NATIONS DEVELOPMENT PROGRAMME. **Índice de Pobreza revela grandes desigualdades entre grupos étnicos**. 2021.